

Ainda A Tormenta: **adenda a Pessoa, tradutor sucessivo de Shakespeare**

Teresa Filipe*

Palavras-chave

Biblioteca particular de Fernando Pessoa, Biblioteca Nacional de Portugal - Espólio 3, William Shakespeare, *A Tormenta*, Tradução, Marginália.

Resumo

A Biblioteca particular de Fernando Pessoa possui um exemplar de *The Tempest*, de William Shakespeare, onde Pessoa registou as sucessivas campanhas de tradução do drama inglês, que planeou publicar durante mais de duas décadas (1909-1932). A marginália presente nesse exemplar foi integralmente transcrita e publicada em artigo anterior (FILIPE, 2018), com uma proposta de datação crítica do projecto editorial de Pessoa. O presente artigo mostra novos elementos que contribuem para uma datação mais apurada e publica pela primeira vez a transcrição de documentos autógrafos com rascunhos da tradução de Shakespeare, pertencentes ao Espólio 3, da Biblioteca Nacional de Portugal.

Keywords

Fernando Pessoa's private Library, National Library of Portugal - Estate 3, William Shakespeare, *The Tempest*, Translation, Marginalia.

Abstract

Fernando Pessoa's private Library holds a copy of William Shakespeare's *The Tempest* where Pessoa left annotated successive translation campaigns of the English drama, which he planned to publish in Portugal for over two decades (1909-1932). The marginalia on that copy was fully transcribed and published on a previous article (FILIPE, 2018), with a proposed critical dating of Pessoa's editorial project. This article presents new documents that contribute to a more precise dating of the project and also the first full transcription of Pessoa's drafts of the Shakespearean translation, held at the Portuguese National Library, Estate 3.

* Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL).

O presente artigo decorre do trabalho de análise documental e textual ao exemplar pessoal de Fernando Pessoa de William Shakespeare (1908) *The Tempest*, London, Paris, New York, Toronto & Melbourne: Cassell & Co Ltd¹. Este exemplar faz parte do catálogo da Biblioteca particular de Fernando Pessoa que se encontra à guarda da Casa Fernando Pessoa, em Lisboa, com a cota CFP 8-507 e encontra-se profusamente anotado, com diversas tentativas de tradução. Uma das campanhas de escrita presentes nesse exemplar de trabalho constitui, muito provavelmente, a última versão da tradução pessoana do drama inglês.

Em artigo anterior (FILIPE, 2018) publicou-se, pela primeira vez, a transcrição completa da tradução presente nas entrelinhas e margens do exemplar da edição de 1908, com recurso a anotação de índole genética. Foram apresentados e discutidos documentos do espólio que permitiram situar a leitura, o projecto de tradução e publicação num intervalo entre 1906 e 1930.

Com base em novos elementos, propõe-se de seguida uma cronologia mais apurada da leitura e do projecto de tradução de *The Tempest* e transcreve-se, pela primeira vez, documentos pertencentes ao Espólio 3, isto é, o espólio Fernando Pessoa conservado na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), que contém rascunhos da tradução de Shakespeare.

Os novos elementos agora reunidos permitem adiantar a leitura da peça em pelo menos um ano (1906 ---> 1905) e sugerem que, por volta de 1932, *A Tormenta* ainda fazia parte dos planos editoriais de Pessoa. Três listas editoriais e um conjunto de traduções efectuadas em papel timbrado “Rua do Ouro”, ajudam a preencher o intervalo que existia entre o fim da Empresa Ibis (1909) e o início de Olisipo (1921). Entre estas duas datas, o projecto de traduzir Shakespeare e *The Tempest*, em particular, terá continuado a acompanhar Pessoa o que poderá ser útil também para se compreender as sucessivas campanhas existentes no exemplar assim como a aquisição de uma nova edição da peça, em 1921.

Cronologia

1905

O poema *Song of Prospero* (PESSOA, 1997: 47), datado em Durban, Maio ou Junho de 1905, permite questionar a data de leitura de *The Tempest*.

Song of Prospero possui sinais expressos da leitura de *The Tempest* (cf. Anexo I) e possui datação autógrafa anterior quer ao registo de leitura inscrito no caderno BNP/E3, 144N-16^v, datável de 1906 (Pessoa regista a leitura da peça em 17 de

¹ Agradeço a Jerónimo Pizarro e Carlos Pittella Leite a grande generosidade na partilha de conhecimentos e o acompanhamento da escrita do artigo nas suas diferentes fases, nomeadamente, na transcrição do texto pessoano, na investigação aos documentos relacionados com o projecto de tradução de *The Tempest* e sua datação crítica.

Agosto), quer ao exemplar *The Complete Works of William Shakespeare*, Oxford: Clarendon Press, [s.d.], oferecido a Pessoa em Durban, em 16 de Agosto de 1905. Conservam-se dois testemunhos deste texto, com as cotas [13-6^r] e [13-7^r], o primeiro com a data “May or June 1905”. Ambos com a assinatura de Charles Robert Anon (PESSOA, 1997: 333-334). O texto será incluído posteriormente em listas editoriais atribuídas a Alexander Search.

Song of Prospero

My broken rod shall underground
For ever buried be;
Deeper than e'er did plummet sound
My book I'll sink in the sea.
Prospero's charms are fled,
Magic and art are dead,
Dead and sunk in the hollow sea.

The joyful spirits in the air
No more are bounded to me,
What called them came from there,
Sunk is in the hollow sea.
Though I see no strife again
Yet I'll wish for this life again
Sunk for e'er in the hollow sea.

Song of Prospero figura em quatro listas editoriais de poemas ingleses, pertencentes a períodos diversos e apresentadas nesta cronologia de acordo com a data de conclusão atribuída. As listas foram editadas por João Dionísio em (PESSOA, 1997), sendo a mais antiga de Setembro de 1907 e a mais recente de 1910. A lista de 1907 é encabeçada pelo título do poema com a indicação do número de linhas “I. Song of Prospero. Lines: 14.”.

Lista I [BNP/E3, 48B-146^r a 147^v] (PESSOA, 1997: 305)

I. Song of Prospero. Lines: 14.

Lista encabeçada pelo poema *Song of Prospero*. “Este elenco I deve ter sido feito pouco antes da lista II na medida em que também refere o poema *Cell*, datado num dos testemunhos (144T-43^v) de 7-9-1907. É possível, portanto, que tenha sido elaborado no último terço de 1907, embora antes da lista II” (PESSOA, 1997: 307).

Lista II [BNP/E3, 48B-94^r a 102^r] (PESSOA, 1997: 294)

Song of Prospero (14) D Durban.

Lista encabeçada pelo poema *Song of Prospero*, com indicação do número de linhas do poema e local de escrita.

A lista terá sido concluída “antes de 20 de Setembro de 1907, altura em que foi redigido *As the soft gleam of the moon*, presente na lista III e ausente do elenco II” (PESSOA, 1997: 300).

Lista III [48C-7^r] (PESSOA, 1997: 255)

SONGS AND SONNETS

Songs: –

Song of Prospero. // =

Lista encabeçada pelo poema *Song of Prospero*.

A lista terá sido redigida depois de 29 de Dezembro de 1907, data do poema *The Maiden of Dreams* “e, provavelmente, antes de 2 de Janeiro de 1908, quando foi redigido *The Lip*, o mais antigo dos que figuram na lista IV e ainda não constam desta lista” (PESSOA, 1997: 258).

Lista X [BNP/E3, 144V-50^r e 49^r] (PESSOA, 1997: 31)

Song of Prospero (2 × 7) – mere song 14. [49^r]

Os poemas incluídos na lista X “são de épocas muito diferentes, o mais antigo remontando a 1904 (*Little flower that wert on the hill*,) e o mais recente datando de 1910 (*Oh emerald herald of ocean*). Alguns dos poemas mais recuados foram encontrados em testemunhos com atribuição a Charles Robert Anon: *Song of Prospero*, *Elegy on the marriage of my dear friend Mr. Jinks* e *Rondeau*. Este é o último elenco conhecido dos poemas de Alexander Search, tendo sido provavelmente feito depois de 9 de Maio de 1910, data do poema mais recente dos que figuram na lista, o já referido *Oh emerald herald of ocean*” (PESSOA, 1997: 32).

The Complete Works of William Shakespeare. Oxford: Clarendon Press, [s.d.]. (CFP 8-506). Oferecido a Fernando Pessoa como prémio escolar em Durban em 16 de Agosto de 1905, de acordo com a seguinte inscrição nas páginas iniciais “F. A. N. Pessoa | With kind regards from | Wm. Storm | Durban | Augt. 16th. 1905.” Disponível na página da biblioteca digital:

<http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/index/index.htm>

Em Setembro de 1905, Pessoa regressa definitivamente a Lisboa. (JENNINGS, 2018: 59).

1905

Início da publicação da “Colecção Shakespeare” pela Editora Lello & Irmão, Porto, alvo de críticas negativas de Fernando Pessoa. O primeiro título da colecção foi *Sonho de uma Noite de S. João*, numa tradução de Domingos Ramos. Também da responsabilidade deste tradutor, aparece *Rei Lear* (1905), *Otelo ou O Mouro de Veneza*

(1911), *O Mercador de Veneza* (1912) e *Júlio César* (1913). *A Tempestade* surge em 10º lugar na colecção. Mariana Gray Castro (SHAKESPEARE, 2013: 23) indica 1914 como data de publicação da 1.ª edição da tradução de *A Tempestade* por Henrique Braga. A publicação conheceu uma segunda edição em 1926, revista por João Grave. Os tradutores de Shakespeare em Portugal, anteriores a esta colecção, foram Castilho, e o rei D. Luís. Ambos são referidos por Pessoa no documento “Sobre traduzir Shakespeare” que, muito provavelmente, seria uma introdução às suas traduções de Shakespeare. Castilho é referido como o único tradutor em Portugal, já D. Luís parece não merecer tal consideração.

1906

Registo de leitura de *The Tempest* a 17 de Agosto [1906]. Caderno de leitura transcrito em (PESSOA, 2009a: 210). [BNP/E3, 144N-16^v]

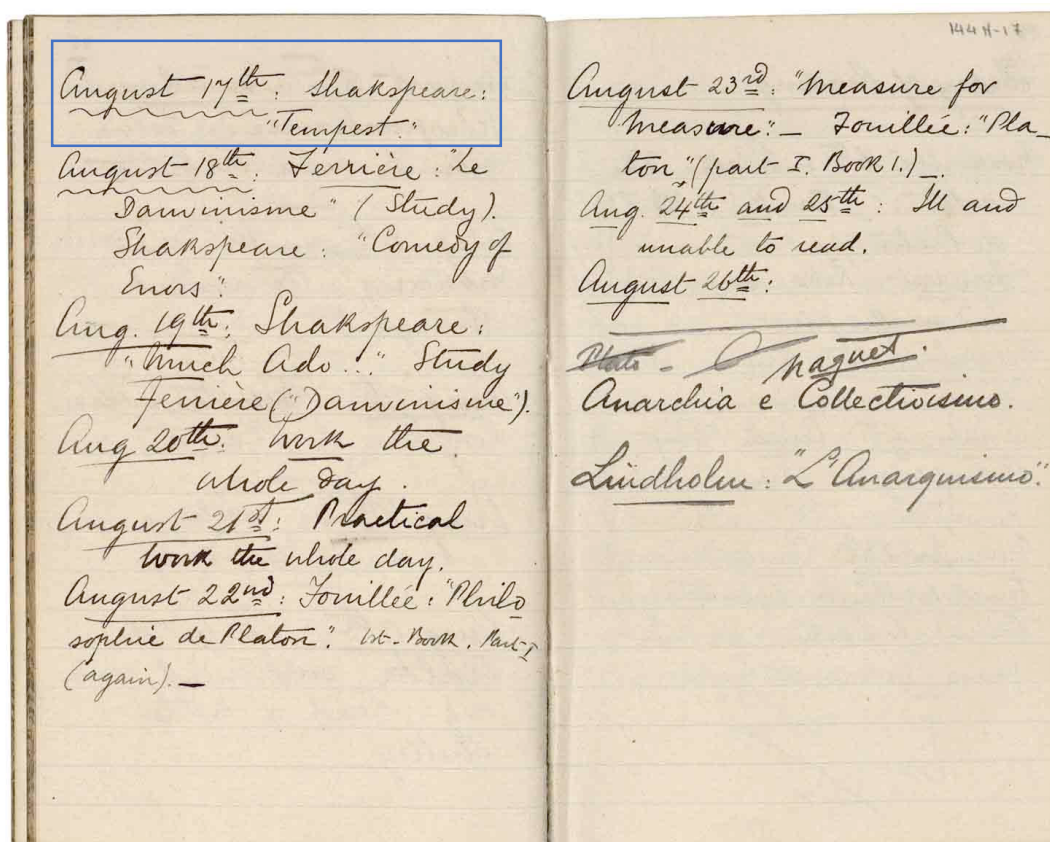


Fig. 1. Diário de leitura. BNP/E3, 144N-16^v e 17^r.

O caderno com a cota 144N encontra-se disponível para consulta no site da BNP (<http://purl.pt/13889>). No texto de apresentação, lê-se “Locais de escrita atribuídos: Durban e Lisboa. Datas mencionadas no caderno entre Agosto de 1904 (“August, 1904”, em 4^r) e Maio de 1909 (“8/5/09”, em 3^r).”

O caderno foi transcrito por Jerónimo Pizarro (PESSOA 2009: 210). Para a datação de 144N 16^v, onde se encontrada registada a leitura, Pizarro baseia-se em vários dados e também na data de edição do livro de Lindholm, *El anarquismo* (1906), mencionado em 144N 17^r. Se a anotação “Lindholm: L’Anarquismo” for referência a *El anarquismo según las fuentes suecas y extranjeras*, é muito provável que a leitura de Shakespeare, registada na página imediatamente antes, seja igualmente de 1906.

1908

The Tempest. London, Paris, New York, Toronto & Melbourne: Cassell & Co Ltd., 1908. (CFP 8-507). Exemplar adquirido em Lisboa, exhibe o selo da livraria inglesa de M. Lewtas & M. Taboada, situada na Rua do Arsenal. Assinado “Fernando Pessoa”. Exemplar de trabalho onde se encontram sucessivas etapas de tradução do texto.

1909

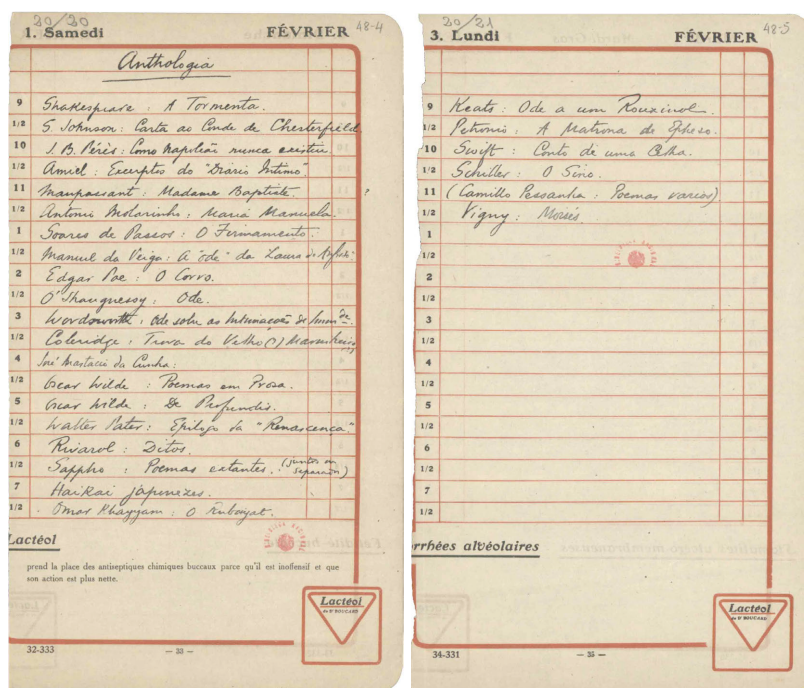
Plano editorial da Empresa Ibis onde se encontra o projecto de tradução de obras de Shakespeare: “(1) Tragedias. (2) Comedias. (3) ‘Historias’.” (cf. FILIPE, 2018: 123). [BNP/E3, 144V-6^r]. Cf. <http://purl.pt/13889>.

a quo 1911

Manuscrito de *A Tempestade*. Trata-se, até ao momento, do único testemunho onde o título aparece traduzido por *A Tempestade*. As folhas exibem a tradução do título, do nome das personagens, e traduções parciais da primeira e segunda cena do Acto I. Para a transcrição, fac-símile, datação e descrição do suporte, veja-se o Anexo II. [BNP/E3, 74-83^r a 85].

1913

Lista “manuscrita em duas folhas de papel de uma agenda francesa, [...] encimada pela palavra ‘antologia’” (SARAIVA 1996: 36), onde *A Tormenta* surge em primeiro lugar. [BNP/E3, 48-4^r e 48-5^r]



Figs. 2 e 3. Projecto de "Anthologia". BNP/E3, 48-4^r e 48-5^r.

Três folhas manuscritas a tinta castanha, arrancadas a uma agenda de 1913, onde figura na linha 17 “Traducção de *The Tempest* e outras peças de Shakespeare” (PIZARRO, FERRARI e CARDIELLO 2010: 428-429); (FERREIRA 2005: 69, 104, 163). [BNP/E3, 28A-9^r, 28-95 e 28-94].

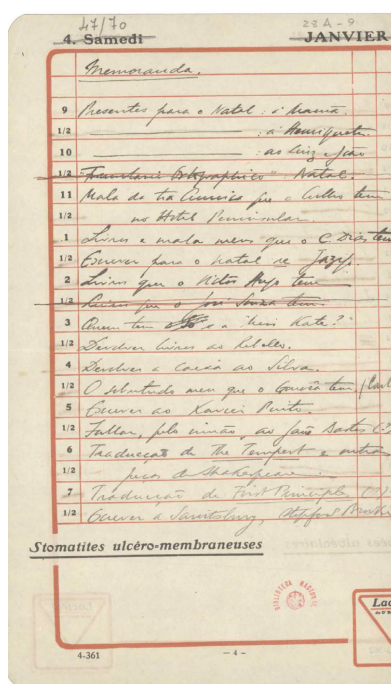


Fig. 4. Primeira página (de um total de cinco, em três folhas) em que figura uma lista de "Memoranda". BNP/E3, 28A-9r.

As páginas de um diário de 1913 publicadas em 1966 em *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, pp. 32-60, encontram-se também em folhas – 28 em total – tiradas da mesma agenda francesa pautada. [BNP/E3, 20-18^r a 45].

Manuscrito com traduções de *The Tempest*. Para a transcrição, fac-símile, datação e descrição do suporte, veja-se o Anexo II. [BNP/E3, 74-78^r a 82^r]

“Uma tôrva e peçonhenta maldade”. Manuscrito onde Fernando Pessoa regista a sua resposta às traduções de Shakespeare publicadas pela editora Lelo & Irmão, referindo-se especificamente às traduções de Domingos Ramos. [BNP/E3, 14E-82 e 83]

Apenas folhee, e nem uma linha li, das traducções que o snr. dr. Domingos Ramos terá immortalmente que expiar. Porque não é com a competencia de traductor-de-inglez do snr. dr. Ramos que eu implico e esbarro. É com a sua competencia para traduzir Shakespeare, visto que lhe cae em cima e o reduz a prosa.

Shakespeare só se deve ousar traduzir — o verso para verso, e a prosa para prosa, e que verso e que prosa teem de ser!

[BNP/E3, 14E-83^r]

Teresa Rita Lopes justifica a datação através de dois elementos: o texto destinava-se “segundo indicação expressa ao alto, à coluna crítica ‘Balança de Minerva’ da revista *Theatro*, para a qual, em 1913, [Pessoa] forneceu colaboração”; pela assinatura da carta “Fernando Pessôa”, já que Pessoa deixou de usar o acento circunflexo a partir de 4 de Setembro de 1916 conforme indica em carta a Armando Côrtes-Rodrigues (PESSOA, 1993b: 221-222).

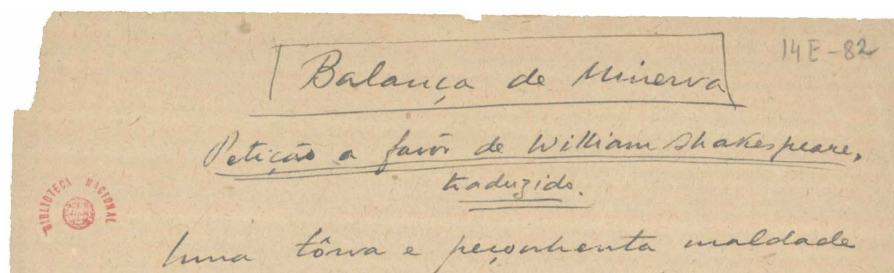


Fig. 5. Início da petição para “Balança de Minerva”. BNP/E3, 14E-82^r.

“Sobre traduzir Shakespeare”. Três páginas (duas folhas) manuscritas a tinta preta. As folhas estão numeradas (2 & 3), no cabeçalho ao centro, sem numeração na primeira página. Parcialmente transcrito por Castro (CASTRO, 2010: 30-31 & 186), que posteriormente transcreveu o texto inteiro em (SHAKESPEARE, 2013: 39-40). Veja-se o texto revisto por PITTELLA e PIZARRO (2017: 208-211). [BNP/E3, 76-41 e 76-42^r]

1917

"29. Translations: | Shakespeare's Works." [circa 3 de Agosto 1917]. Três folhas quadriculadas tiradas de um caderno de seis argolas, de 15,2 × 8,9 cm, manuscritas a tinta preta, excepto os itens numerados 67, 68, 63 e 64, a lápis. Justifica-se a data (3-8-1917), por esta figurar num apontamento da folha 133M-95, tirada do mesmo caderno e manuscrita com idêntico instrumento. (PESSOA, 2009b: 434-438 e 647). [BNP/E3, 133M-96 a 98]

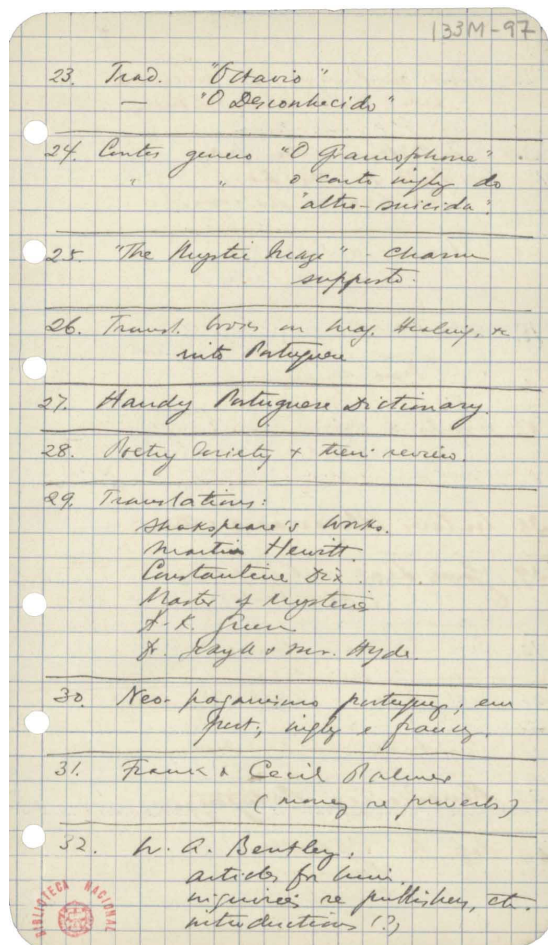


Fig. 6. Plano de algumas traduções (ponto 29). BNP/E3, 133M-97^r.

c. 1918

Sete folhas autógrafas com traduções de *The Tempest*. As anotações encontram-se no verso de folhas timbradas com "F. A. Pessoa, Rua do Ouro, 87, 2º Lisboa. End. Postal Apartado 147. Teleph. Central 2194". A "Firma F. A. Pessoa | Rua do Ouro, 87, 2º, funcionou nesta morada de Dezembro de 1917 a Maio de 1918, quando foi extinta" (PIZARRO, 2007: 173). [Sem cota; "Avulsos, 550 a 562"].

c. 1920

Quatro folhas dactilografadas no rosto em que se encontra descrito o plano editorial de “Olisipo”, datável de *post* 19 de Setembro de 1918, uma vez que se encontra aí referência ao artigo publicado no *Times Literary Supplement* de 19 de Setembro de 1918, onde Pessoa, analisando a *enfermidade* da organização do mercado editorial português, propõe a editora Olisipo como resposta às deficiências apontadas. A Olisipo funcionou entre 1921 e 1923 (Cf. FILIPE, 2018: 123-125). FERREIRA (1986: 154-159). [BNP/E3, 137D-44^r a 47^r]

O nome maior de toda a litteratura europeia é o de Shakespeare. Uma traducção de obra de Shakespeare é um empreendimento seguro, porque o interesse por Shakespeare é universal. Mas uma traducção verdadeiramente boa de Shakespeare é uma difficuldade enorme, tão grande que não ha uma traducção que sequer se approxime de boa em qualquer das linguas latinas, e porcerto nem a França nem a Italia são paizes de cultura inferior. É que, para traduzir Shakespeare de modo a dar uma idéa nitida da maneira e do estylo do original, são precisas qualidades espeziaes; não bastam um espirito culto e um conhecimento, embora profundo, da lingua inglesa. A maneira e o estylo de Shakespeare são individuaes que só pode traduzir Shakespeare bem quem, além de ter aquellas qualidades, esteja, ainda, inteiramente penetrado do espirito da obrashakespeareana. - “Olisipo” é a primeira empresa editora dos paizes chamadas latinos que tem elementos para realizar essa traducção. O traductor portuguez que a fará, tendo publicado um livro de versos em ingles, foi, a proposito d'esse livro, mencionado em um artigo elogioso do “Times” como “absolutamente penetrado do espirito shakespeareano”, e o critico manifestava o seu pasmo pelo facto, sobretudo tratando-se de um estrangeiro. Igual circumstancia não consta, nem seria de esperar que constasse, de nenhum dos traductores de Shakespeare em nenhum dos paizes de lingua latina.

Pela demonstração, que acaba de fazer-se, de haver competencia para este caso, que é o mais difficil de todos os casos editoriaes dos paizes não de lingua inglesa, se pode avaliar que haja nesta empresa competencia para projectar e orientar edições menores e menos difficeis.

Seria absurdo e imprudente expôr detalhadamente os planos editoriaes de “Olisipo”, além do plano da traducção de Shakespeare; poderiam, sendo conhecidos, ser aproveitados, embora mal. Não ha esse risco com a traducção de Shakespeare, idéa que ninguem tem elementos para aproveitar.

À parte as edições, que nascem do plano de supprir as trez deficiencias mencionadas, “Olisipo” faria as edições do typo usual, onde houvesse vantagem em fazel-as.

Fig. 7. Uma parte do plano editorial da “Olisipo”. BNP/E3, 137-45^r.

Plano editorial da *Olisipo*, anterior a 1921, uma vez que ainda se encontra aí o projecto de publicação dos *English Poems* (1921) de Fernando Pessoa. A *Tormenta* surge em segundo lugar na lista de intenções (à cabeça encontra-se a reedição de António Botto) e em primeiro nas traduções a publicar. FERREIRA (1986: 159-161). [BNP/E3, 137A-21^r a 24^r] [21^r e 22^r formam um conjunto; 23^r e 24^r foram dactilografadas a seguir]

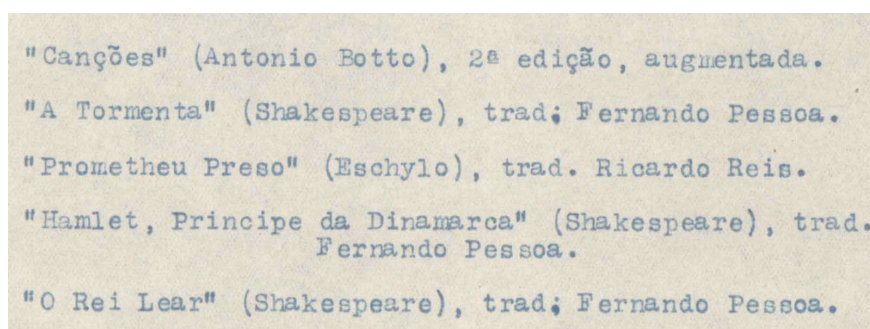


Fig. 8. Início do plano editorial. BNP/E3, 137A-21r.

1921

The Tempest. Cambridge: Cambridge University Press, 1921 (CFP 8-508). Edição fac-símile do primeiro Fólio de 1623. Não possui selo da Livraria Inglesa ou de qualquer outra. Exemplar não assinado nem datado. Exibe poucas anotações e menor evidência de manuseamento. Entre as razões pelas quais não existe marginália neste exemplar poderá estar uma das suas características gráficas: o reduzido espaço interlinear, local privilegiado por Pessoa na edição de 1908 para registrar as traduções. Tem uma longa Introdução onde, ao contrário da edição de 1908, se encontra marginália não-verbal: traços verticais à margem e sublinhados. Os excertos destacados referem-se, entre outros, à recepção crítica de William Shakespeare e ao soneto "Shakespeare" de Matthew Arnold. Na p. xxi, destaca frase sobre como o autor pode por vezes ser inferior ao seu trabalho. Na p. xlix, um excerto acerca das possíveis fontes de *The Tempest*, particularmente, de *Die Schöne Sidea*, do dramaturgo alemão, Jacob Ayrer, de que os English Comedians terão assistido a uma representação em Nuremberg, em 1604. Na mesma página, destacado com traço vertical "Magic and music meet in *The Tempest* and are so wedded that none can put them assunder."

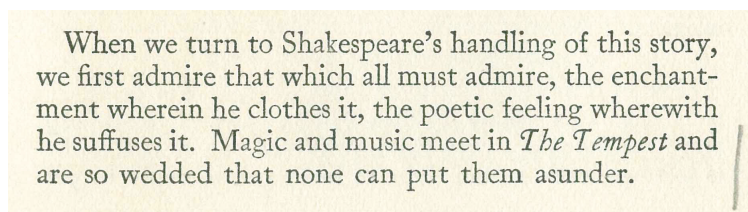


Fig. 9. Traço vertical na margem direita. (SHAKESPEARE, 1921: xlix).

1923

Carta datada de 20 de Junho de 1923, ao amigo e editor João de Castro Osório. Fernando Pessoa apresenta a proposta de tradução de dez peças de Shakespeare, a primeira é "'A Tormenta'". [BNP/E3, 114¹-32^r]

De Shakespeare proponho-me traduzir, por enquanto, as seguintes dez peças: "A Tormenta", "Hamlet, Príncipe da Dinamarca", "O Rei Lear", "Macbeth", "Othello", "Antonio e Cleopatra", "O Mercador de Veneza", "Sonho de uma Noite de Verão", e duas outras, sobre cuja escolha não estou ainda decidido, mas que serão provavelmente o "Coriolano" e a comédia "Como quizerdes".

Fig. 10. Excerto da carta de 20-6-1923. BNP/E3, 114¹-32^r.

1924

Lista manuscrita. Em quarto lugar surge, "Shakespeare: As Principaes Peças". "Na mesma página encontra-se parte de um poema que começa em BNP 59-44^r, iniciado com o verso 'Como alguém que conserva na memória' e datado de "29/4/1924" (cf. PFP-II [Poemas de Fernando Pessoa 1921-1930. Edição de Ivo Castro], 65)". Cf. http://www.pessoadigital.pt/en/doc/BNP_E3_59-45r [59-45^r].

Homero: *Iliada*.
Homero: *Odysséa*.
Vergílio: *Enéida*.
Dante: *Divina Comédia*.
Milton: *Paraíso Perdido*.
Milton: *Samoão Agonistes*.
Bacon: *Ensaíos, e outra prosa*.
Horácio: *As Odes*.
Shakespeare: *As Principaes Peças*.
Omar Khayyam: *Rubayat*.
Anthologia Grega.
Anthologia Latina.
Anthologia India.
Anthologia Francaza. (etc).

Fig. 11. Projectos de tradução. BNP/E3, 59-45^r.

1930

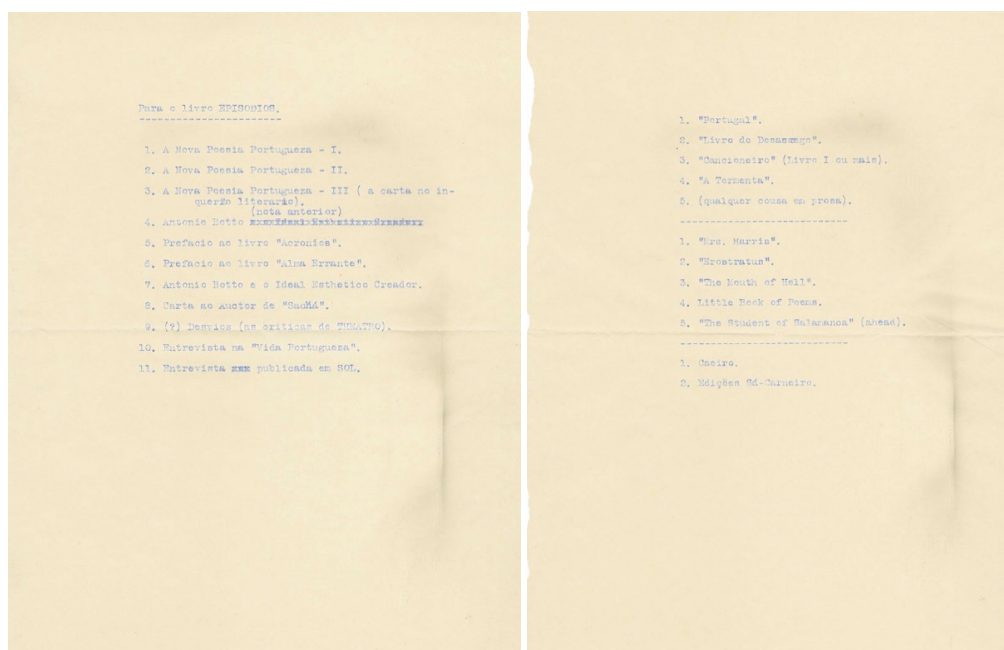
Carta de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões, 10 Janeiro de 1930: "ha pouco tempo, tive que estudar para a hypothese de fazer, eu, uma traducção integral das obras (das authenticas, bem entendido) de Shakespeare". (PESSOA, 1998: 114) (VIZCAÍNO, 2017: 362). [Colecção Particular].

Carta de João Gaspar Simões a Fernando Pessoa, 24 Novembro 1930: “Creio que o Fernando Pessoa tem traduzido Shakspeare. Porque não publica na *Presença*, alguns trechos das suas traduções? Lembro-me daquelas maravilhosas traduções de Poë! Terá traduzido alguns sonetos de Shakspeare?”. (PESSOA, 1998: 140). Nota de rodapé de Enrico Martines: “Fernando Pessoa tinha publicado no n.º 1 de *Athena* (Outubro de 1924) a tradução de *O Corvo*, de Edgar Allan Poe; no n.º 4 de *Athena* (Janeiro de 1925) tinha publicado, do mesmo autor, a tradução de *Annabel Lee*, nos dois casos, antes das traduções, lê-se: “Traducção de Fernando Pessoa, rhythmicamente conforme com o original” (PESSOA, 1998: 140). [Colecção Particular].

Carta de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões, 3 de Dezembro 1930, onde Pessoa indica “não enviar trecho algum das traducções de Shakespeare; todas ellas estão sujeitas a revisão, e não conto sequer olhar para ellas dentro de um mez ou dois” (PESSOA, 1998: 141). (VIZCAÍNO, 2017: 394). [Colecção Particular].

ant. Jul. 1932

Dactiloscrito a tinta azul. Lista de projectos, dividida em três partes, por traços separadores. Na primeira secção, em 4.º lugar surge “A Tormenta”. Papel amarelado, com evidência de ter estado vincado a meio, na horizontal. O tipo de papel é idêntico ao documento “Para o livro EPISODIOS” [BNP/E3, 169^r], “datável dos anos 30, pois já incluía os prefácios para os livros *Acronios*, de L. P. Moitinho de Almeida (1931) e *Alma Errante*, de Eliezer Kamenetzky (1932).” (BARRETO, 2012: 228) Transcrito em (TEIXEIRA, 2012: Anexo xi) indicando-se aqui como data provável “*ant.* Jul. 1932”. Para a justificação desta datação, Teixeira refere “Na mesma carta [a João Gaspar Simões de 28 de Julho de 1932], Pessoa refere uma necessidade de revisão do *Livro do Desassossego*, que não levaria ‘menos de um anno’ a fazer, sendo de constatar a ausência de referências ao *Livro* em correspondência, assim como em projectos e planos editoriais posteriores. Pessoa terá abandonado por esta altura o projecto de publicar o *Livro*, cujo último trecho, datado de 2/7/1932, foi publicado neste mesmo ano (cf. LdD [*Livro do Desasosiego*. Tomos I e II. Edição de Jerónimo Pizarro. Edição Crítica de Fernando Pessoa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010], 401-402 e 937).” (TEIXEIRA, 2012: Anexo I, ix). [BNP/E3, 170^r]



Figs. 12 e 13. Duas listas de projectos contemporâneas. BNP/E3, 169^r e 170^r.

c. 1932

Uma folha de papel dactilografada a tinta preta. Papel amarelecido, com evidência de ter estado vincado a meio, na horizontal. Lista de "Pequenas Edições", numerada de 1 a 23, onde surge *A Tormenta*, de W. Shakespeare, em primeiro lugar. Cf. http://www.pessoadigital.pt/en/doc/BNP_E3_179r?term=pequenas%20edi%C3%A7%C3%B5es [BNP/E3, 179^r]

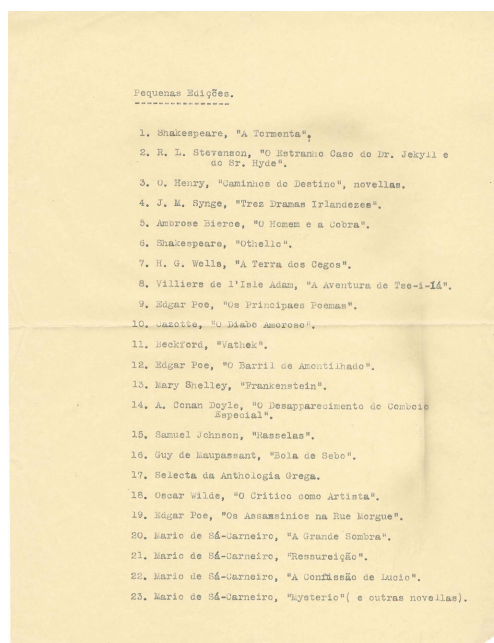


Fig. 14. Pequenas Edições. BNP/E3, 179^r e 179^v.

Anexo I

O poema intitulado *Song of Prospero* é reproduzido abaixo, a partir da edição dos *Poemas Ingleses*, tomo II, *Poemas de Alexander Search*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1997, p. 47. Ao lado, reproduz-se a fala de Próspero cuja semelhança textual nos levou a considerar altamente provável a leitura preliminar da peça. Para além do passo aí apresentado, reproduz-se abaixo o discurso de Próspero na abertura do Acto V, nos três exemplares da Biblioteca particular de Fernando Pessoa. A primeira edição apenas apresenta marginália não-verbal. Para a segunda edição reproduzimos a transcrição publicada em artigo anterior (cf. FILIPE, 2018). A terceira edição não possui marginália.

Neste discurso, Próspero renuncia à magia com que fez prisioneiros os usurpadores do seu trono (em Milão) e ordena a Ariel, seu fiel espírito, que os vá buscar para que quebrado o feitiço e revelado o propósito da tempestade que causou o naufrágio da nau onde aqueles seguiam, se possa alcançar a reconciliação. Uma das frases mais famosas deste discurso é de que algum modo sintetiza a acção de Próspero ao mesmo tempo que dá o tom de conciliação ao drama é “the rarer action is | In virtue then in vengeance.”, *The Tempest*, acto V, cena I, linhas 26-27.

<i>Song of Prospero</i> [13-7 ^r] (PESSOA, 1997: 47)	Acto V, cena I, Discurso de Próspero. (SHAKESPEARE, 1908: 110)
My broken rod shall underground For ever buried be; Deeper than e'er did plummet sound My book I'll sink in the sea. Prospero's charms are fled, Magic and art are dead, Dead and sunk in the hollow sea. The joyful spirits in the air No more are bounded to me, What called them came from there, Sunk is in the hollow sea. Though I see no strife again Yet I'll wish for this life again Sunk for e'er in the hollow sea.	I'll break my staff, Bury it certain fathoms in the earth, And deeper than did ever plummet sound I'll drown my book.

O exemplar de *The Complete Works of William Shakespeare*. Oxford: Clarendon Press, [s.d.] (CFP 8-506) possui marginália não-verbal nesta parte do discurso de Próspero.

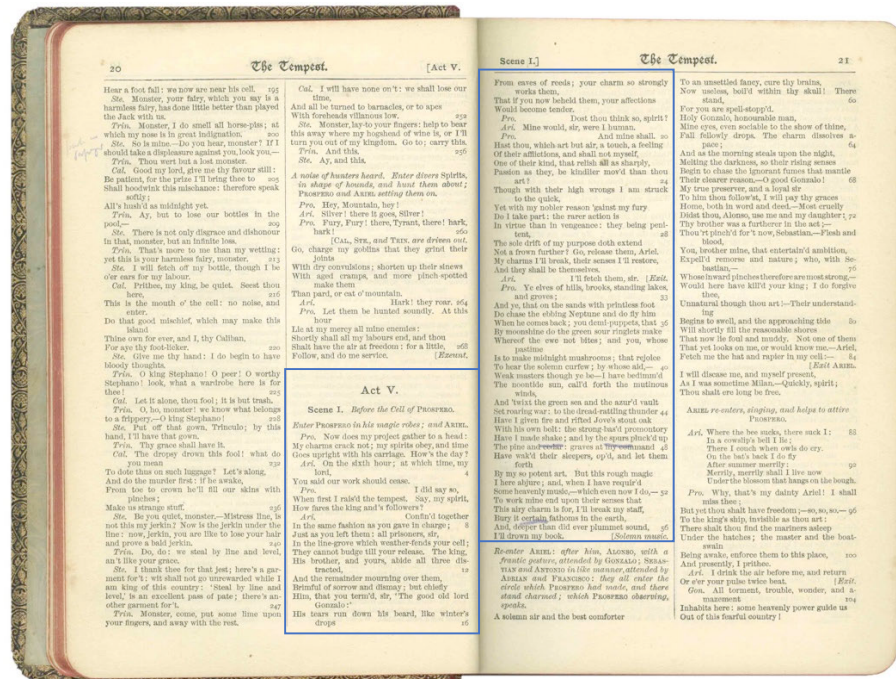


Fig. 15. William Shakespeare, *The Complete Works of William Shakespeare*, s.d., pp. 20-21. (CFP 8-506).

O exemplar *The Tempest*. London, Paris, New York, Toronto & Melbourne: Cassell & Co Ltd., 1908. (CFP 8-507) possui traduções parciais do discurso. Nas páginas seguintes reproduz-se o texto shakespeariano lado a lado com as partes traduzidas por Pessoa. (cf. FILIPE, 2018). O exemplar *The Tempest*. Cambridge: Cambridge University Press, 1921 (CFP 8-508), não possui marginalia em todo o discurso de Próspero.

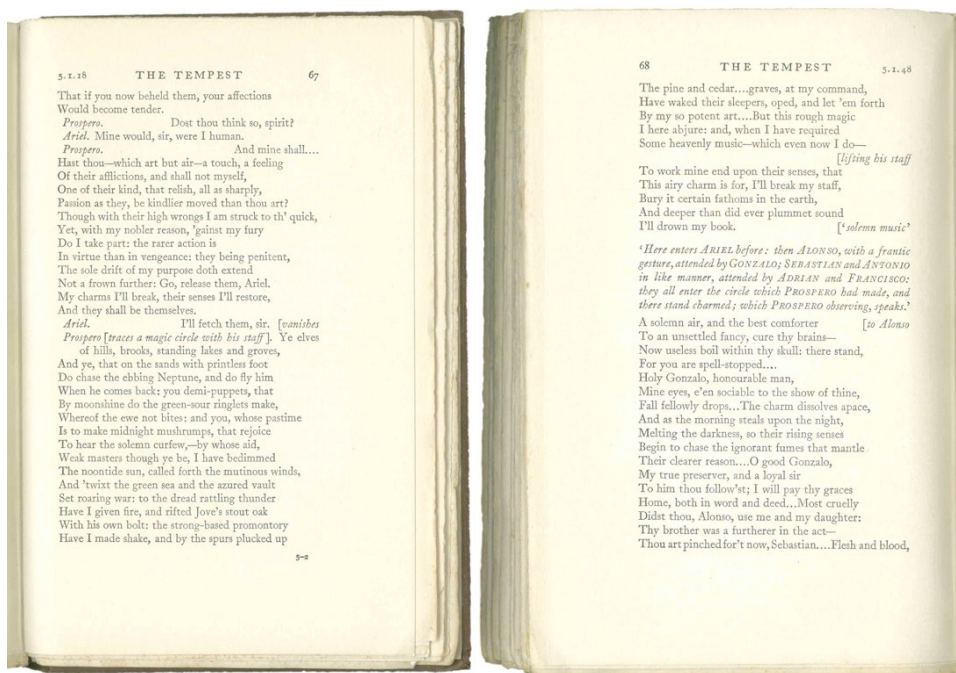


Fig. 16. William Shakespeare, *The Tempest*, 1921, pp. 67-68. (CFP 8-508).

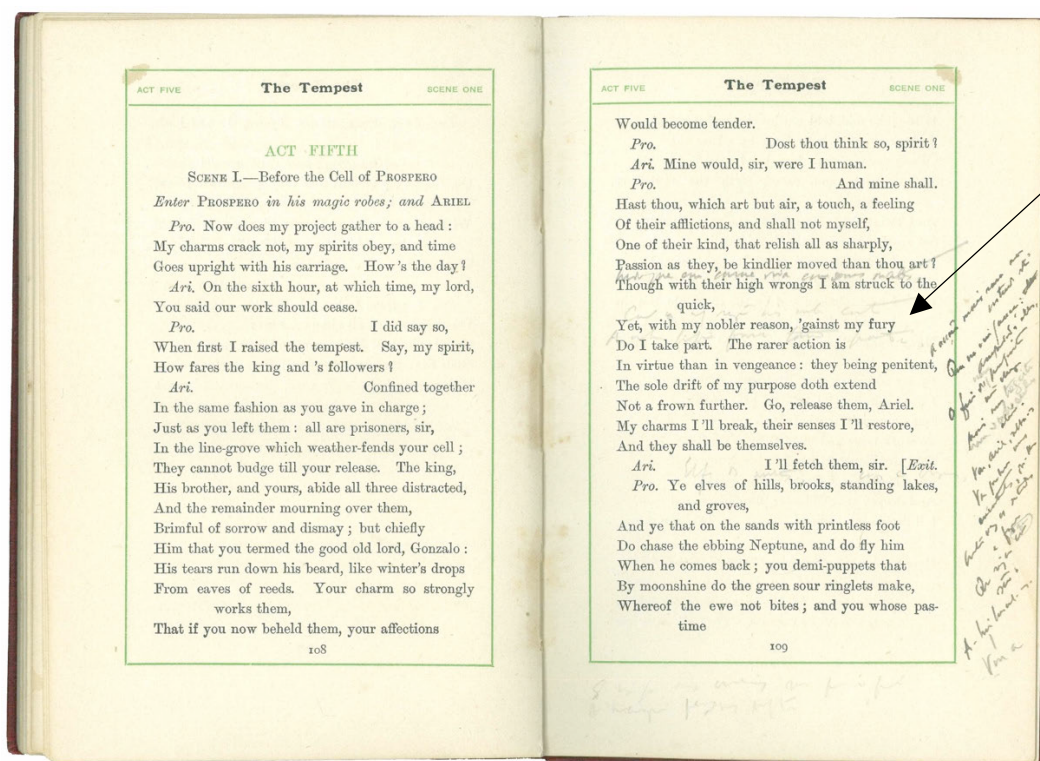


Fig. 17. William Shakespeare, *The Tempest*, 1908, pp. 108-109. (CFP 8-507).

Yet, with my nobler reason, 'gainst my fury
Do I take part. The rarer action is
In virtue than in vengeance: they being
penitent,
The sole drift of my purpose doth extend
Not a frown further. Go, release them, Ariel.

My charms I'll break, their senses I'll restore,
And they shall be themselves.

Ari. I'll fetch them, sir. [*Exit.*]

Pro. Ye elves of hills, brooks, standing
lakes, and groves,
And ye that on the sands with printless foot
Do chase the ebbing Neptune, and do fly him
When he comes back; you demi-puppets that
By moonshine do the green sour ringlets make,
Whereof the ewe not bites; and you whose pas-
time

Com a minha razão mais nobre contra
A minha própria furia tomo parte.
A acção mais rara na virtude stá
Que na vingança: arrendidos elles,
O fim do meu proposito nao chega
Pois um tregeito na sobrançelha.
Vai, Ariel, solta-os.

Vou quebrar meus encantamentos, dar-lhes
Outra vez os sentidos e fazer que sejam o
O que são.

Ari. Vou a buscal-os.

Pro. Elf[o]s dos montes, □

lagos e bosques,

E vós que nos areais sem por o pé

Na margem perseguis Neptune □

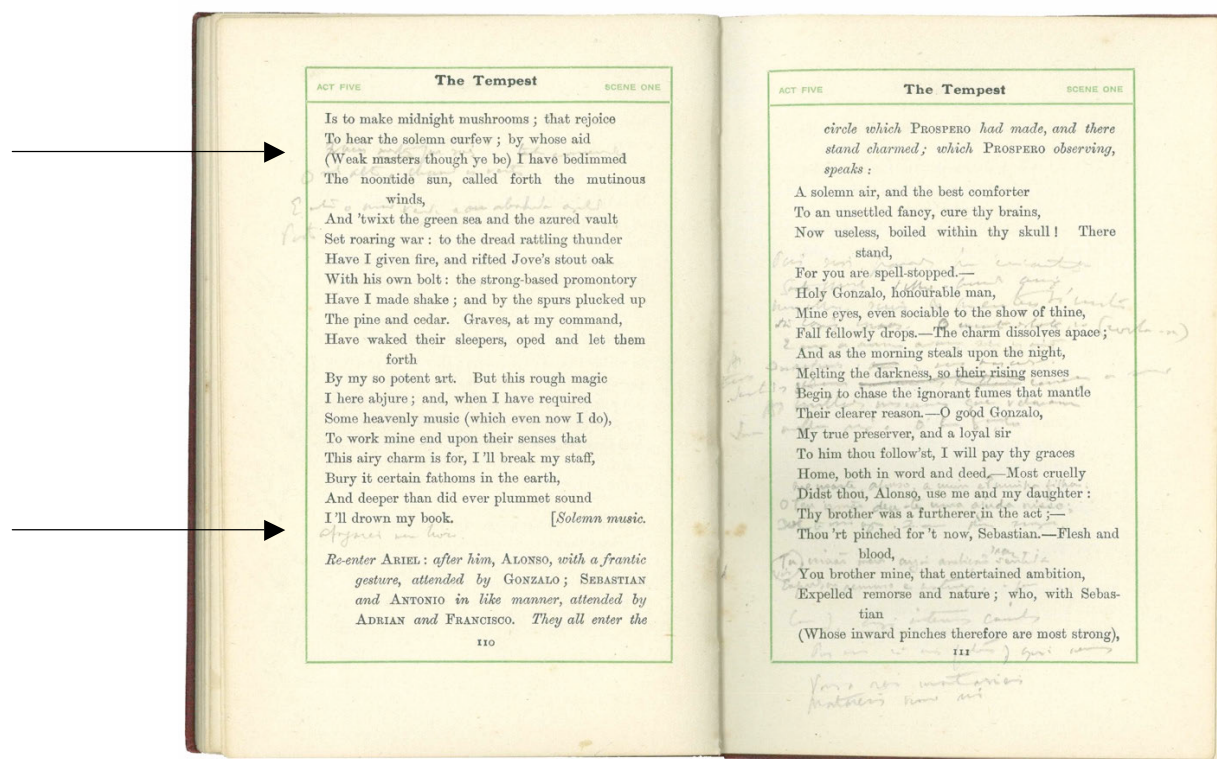


Fig. 18. William Shakespeare, *The Tempest*, 1908, pp. 110-111. (CFP 8-507).

Is to make midnight mushrooms; that rejoice
To hear the solemn curfew; by whose aid
(Weak masters though ye be) I have bedimmed
The noontide sun, called forth the mutinous
winds,
And 'twixt the green sea and the azured vault
Set roaring war: to the dread rattling thunder
Have I given fire, and rifted Jove's stout oak
With his own bolt: the strong-based promontory
Have I made shake; and by the spurs plucked up
The pine and cedar. Graves, at my command,
Have waked their sleepers, oped and let them
forth
By my so potent art. But this rough magic
I here abjure; and, when I have required
Some heavenly music (which even now I do),
To work mine end upon their senses that
This airy charm is for, I'll break my staff,
Bury it certain fathoms in the earth,
And deeper than did ever plummet sound
I'll drown my book. [*Solemn music.*]

(Fracos mestres que sois) tenho escurecido
O sol alto, chamei os ventos

E entre o mar verde e a abobada azulada
Posto

Afogarei meu livro.

Anexo II

De seguida apresenta-se três conjuntos de autógrafos com traduções de *The Tempest*. Os dois primeiros conjuntos transcritos pertencem ao espólio de Fernando Pessoa, à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), com as cotas BNP/E3, 74-78 a 74-85. O terceiro conjunto de traduções não possui cota. São folhas de uma colecção particular.

Iniciamos a transcrição pelo conjunto com as cotas BNP/E3, 74-83 a 74-85 por este corresponder à tradução do elenco de personagens e início do drama. No conjunto de documentos BNP/E3, 74-78 a 74-82, as cotas não possuem correspondência com a ordem correcta do texto pelo que a apresentação dos documentos não segue a ordem das cotas, mas a do texto traduzido. Os dois conjuntos de autógrafos têm traduções de *The Tempest*, provavelmente realizados a partir da edição de 1908. O exemplar desta edição, pertencente à Biblioteca particular de Fernando Pessoa, à guarda da Casa Fernando Pessoa em Lisboa, exhibe traduções em quase todas as suas páginas que foram sendo registadas intermitentemente por um período que se crê entre 1906-1930, de acordo com documentos do Espólio 3 (listas editoriais, correspondência) já apresentados em artigo anterior mencionado. A marginália presente nesse exemplar foi integralmente transcrita, com anotação genética, no mesmo artigo. O terceiro conjunto, carente de cota (“Avulsos, 550-562”), possui traduções de *The Tempest*, efectuadas em papel timbrado da empresa “F. A. Pessoa, Rua do Ouro, 87, 2º Lisboa. End. Postal Apartado 147. Teleph. Central 2194”. Como já se indicou, a “Firma F. A. Pessoa | Rua do Ouro, 87, 2º, funcionou nesta morada de Dezembro de 1917 a Maio de 1918, quando foi extinta” (PIZARRO, 2007: 173).

Uma das particularidades deste conjunto, já referida na secção Cronologia, é a de oferecer dois testemunhos da mesma fala da personagem de Miranda (acto I, cena II), a que se soma um em BNP/E3, 74-84a e o existente na edição de 1908. Os documentos agora apresentados poderão ser estudados em conjunto com a marginália existente no exemplar de trabalho de 1908, procurando contribuir para a identificação de campanhas de escrita e revisão. Este trabalho prende-se com a convicção de que o estudo da marginália é uma fonte importante para uma melhor compreensão dos processos criativos do Autor.

Transcrição

A transcrição dos segmentos manuscritos conserva a ortografia de Pessoa e procura manter as suas características documentadas – capitalização, pontuação, acentuação. No texto transcrito a utilização dos colchetes serve para desenvolver abreviaturas. Na legenda dos documentos transcritos indica-se a cota do documento no espólio a que pertence e, entre parênteses, a cota de *The Tempest* (1908) no catálogo da Casa Fernando Pessoa (CFP), seguida do número de página a que o passo traduzido corresponde. A transcrição é acompanhada pelo fac-símile das páginas dos manuscritos (em algumas ocasiões, disponibiliza-se também a página correspondente ao passo traduzido na edição de *The Tempest* de 1908), e intercalada com chamadas de nota de rodapé que contêm informação de natureza genética. Os símbolos são aqueles inicialmente utilizados na edição crítica das obras de Fernando Pessoa da Imprensa Nacional-Casa da Moeda e nas edições da Tinta-da-china. A estes foi acrescentado o símbolo |–| que indica um traço separador efectuado por Fernando Pessoa.

Lista de Sinais

- espaço deixado em branco pelo autor
- | mudança de linha
- * leitura conjecturada
- † palavra ilegível
- // passagem dubitada autor
- ◇ segmento autógrafo riscado
- ◇ / \ substituição por superposição
- ◇ [↑] substituição por riscado e acrescento
- [↑] acrescento na entrelinha superior
- [↓] acrescento na entrelinha inferior
- [→] acrescento na margem direita
- [←] acrescento na margem esquerda
- |–| traço separador

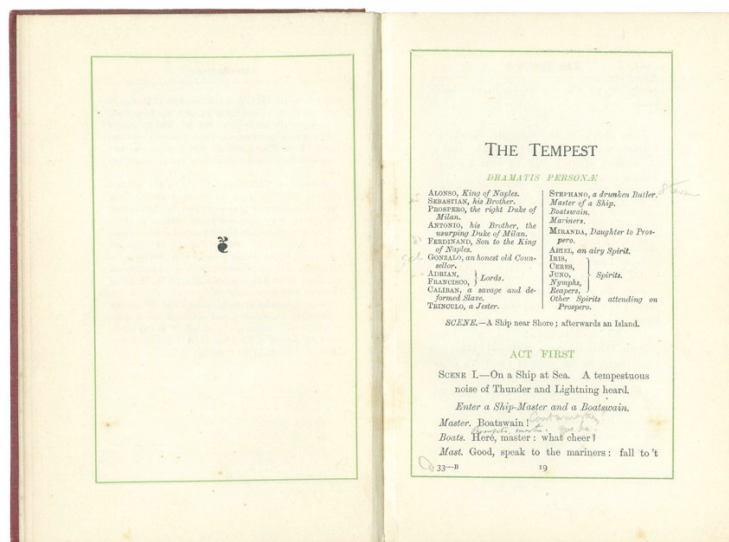


Fig. 19. Shakespeare, *The Tempest*, 1908, pp. 18-19. (CFP 8-507). Cf. FILIPE (2018: 167).

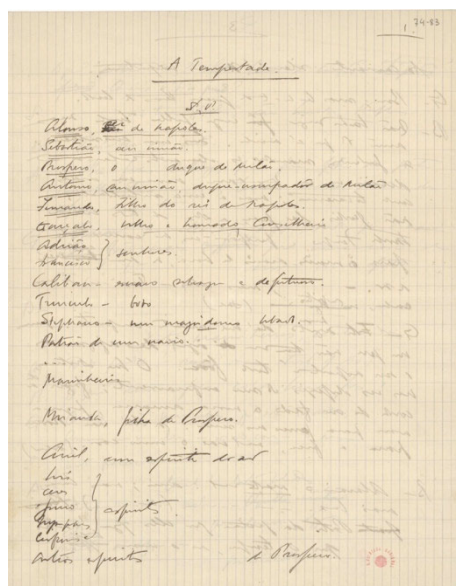


Fig. 20. BNP/E3, 74-83^r.

A Tempestade.

/D. V?/

Alonso, <Rei> [↑ rei] de Nápoles.

Sebastião, seu irmão.

Prospero, o □ duque de Milão.

Antonio, seu irmão, duque-usurpador de Milão

Fernando, Filho do rei de Nápoles.

Gonzalo, /velho e honrado Conselheiro/

Adrião/ } Senhores
Francisco }

Caliban – escravo selvagem e defeituoso.

Trinculo – bobo

Stephano – um /majordomo/ bebado.

Patrão de um navio.

...

Marinheiros

Miranda, filha de Prospero.

Ariel, um espírito do ar

Iris

Ceres

Juno

Nymphas

Ceifeiras

} espíritos.

Outros espíritos □ de Prospero.

1.

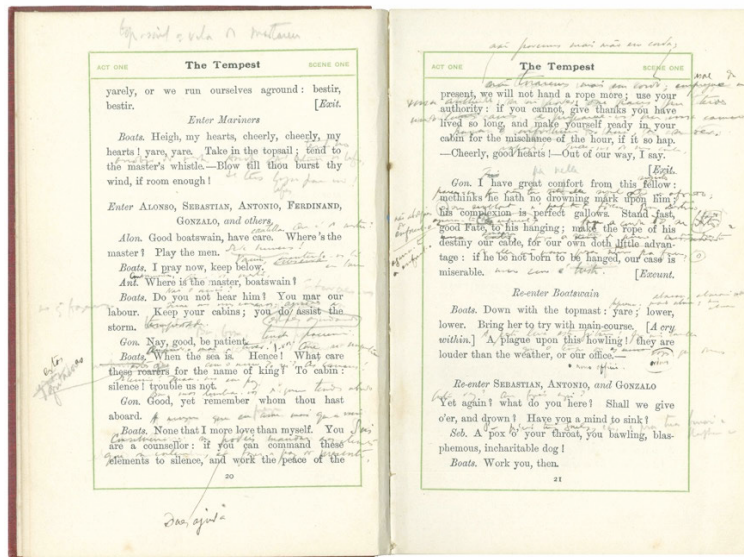


Fig. 21. Shakespeare, *The Tempest*, 1908, pp. 20-21. (CFP 8-507). Cf. FILIPE (2018: 167-168).

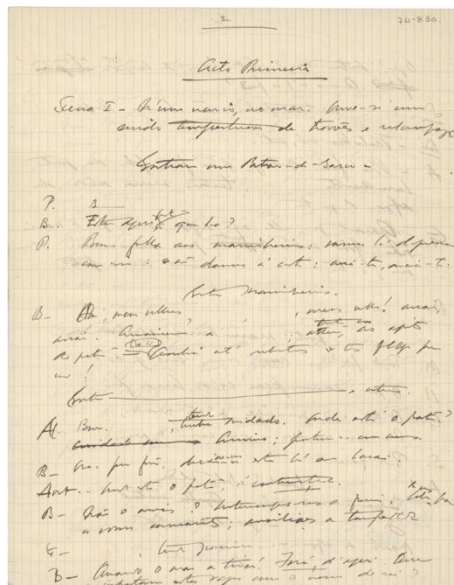


Fig. 22. BNP/E3, 74-83a².

2.

Acto Primeiro

Scena I – N'um navio, no mar. Ouve-se um ruído tempestuoso de trovões e relâmpagos.

Entram um Patrao-de-Barco – □

- P. Bem
B. Estou aqui [↑ patrão]: que ha?
P. Bem, falla aos marinheiros: vamos lá depressa com isso: se não damos á costa: avia-te, avia-te.

Entram Marinheiros.

- B – Bem², meus velhos, □, □, meus velhos! aviai aviai. Amainem a □; tento no³ apito do patrão. – Vá lá⁴! Assobiem até rebentares os teus folegos por isso!

Entram ————. outros.

- Al. Bom. □, tende⁵ cuidado. Onde está o patrão? Animo⁶; portem-se como homens.
B – Ora, por fim, deixae-vos⁷ estar lá em baixo.
Ant.– Onde está o patrão, ó contramestre⁸.
B – Não o ouvís? Interrompes-nos a faina. I-vos⁹ para os vossos camarotes; auxiliaes a tempestade.
G – □, tende paciência.
B – Quando o mar a tiver! Fóra d'aqui.¹⁰ Que se importam estas vagas com o nome de rei?

² Ai [→Bem]

³ atenção ao [↑ tento no]. A variante “tento no” é a que aparece em (SHAKESPEARE, 1908: 20).

⁴ [↑ vá lá]

⁵ tenha [↑ tende]

⁶ <Cuidado com os>

⁷ deixem-se [↑ ae-vos]

⁸ /contramestre/

⁹ Vahe [↑ I-vos]. “I-vos”, é a forma que aparece em (SHAKESPEARE, 1908: 20), mas na tradução da fala seguinte, de “Boatswain”, onde aqui aparece dubitado “Fóra d'aqui”. Na edição de 1908, a anotação encontra-se a caneta preta, aparentemente correspondendo a uma campanha de escrita independente. Nessa página, e pela semelhança no instrumento de escrita, poderá tratar-se da mesma campanha que acrescenta e modifica o género, na anotação a lápis de carvão na margem esquerda, “estas | <grit> | gritador|as”.

¹⁰ /Fóra d' aqui.

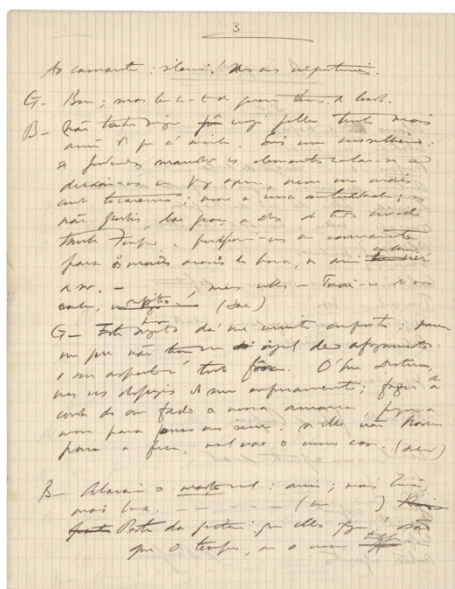


Fig. 23. BNP/E3, 74-83v.

- 3
- Ao camarote: silencio! Não nos importuneis.
- G – Bom; mas lembra-te de quem tens a bordo.
- B – Não tenho ninguém a¹¹ cuja pelle tenha mais amôr do que á minha. Sois um conselheiro: se puderdes mandar os elementos calar-se e deixar-nos em paz agora, nem em mais corda tocaremos¹²; usae a vossa autoridade; se não pudeis, dae graças a Deus de terdes vivido tanto tempo e preparai-vos no camarote para o mau acaso¹³ da hora, se assim calhar¹⁴ a ser. – □, meus velhos, – Tirae-vos do nosso caminho, repito¹⁵. (Sae)
- G – Este homem¹⁶ dá me muito conforto: parece-me que não tem um signal¹⁷ de afogamento: o seu aspecto é todo fôrca¹⁸. Ó bom Destino, não nos despojes do seu enforcamento; fazei da¹⁹ corda do seu fado a nossa amarra, porque a nossa para pouco nos serve: se elle não nasceu para a forca, mal vae o nosso caso. (Saem)
- B – Abaixo o mastro²⁰ real: assim; mais baixo; mais baixo. – – – – († □)²¹
- Peste²² da gritaria que elles fazem! são □ que o tempo, ou o nosso trabalho²³. –

¹¹ <por> [† a]

¹² Em (SHAKESPEARE, 1908: 21) <nao tocaremos mais em corda;> /nao tocaremos mais em corda;\ [† nao poremos mais mão em corda;]. Em (SHAKESPEARE, 1921: 4): Nao pomos mais mão em cabo (cf. FILIPE, 2018: 169).

¹³ os [† o] maus [† u] acasos [† o]

¹⁴ <te vier> [† calhar]

¹⁵ <vos digo> [† repito]

¹⁶ Este sujeito [† homem] dá me muito conforto. Em (SHAKESPEARE, 1908: 21): <†> □ sujeito (cf. FILIPE, 2018: 169).

¹⁷ <só> signal

¹⁸ A palavra pode aparecer com duas grafias distintas “fôrca” e “forca” (cf. quatro linhas abaixo).

¹⁹ a [† da]

²⁰ /mastro/ Em (SHAKESPEARE, 1908: 21) não há tradução (cf. FILIPE, 2018: 170).

²¹ O tracejado está no lugar da frase não traduzida “Bring her to try with main-course”. Entre parênteses, por decifrar, está uma didascália “(A cry within)” (SHAKESPEARE, 1908: 21). (cf. FILIPE, 2018: 169).

²² < Raios | parta> Peste

²³ <officio> [† trabalho]

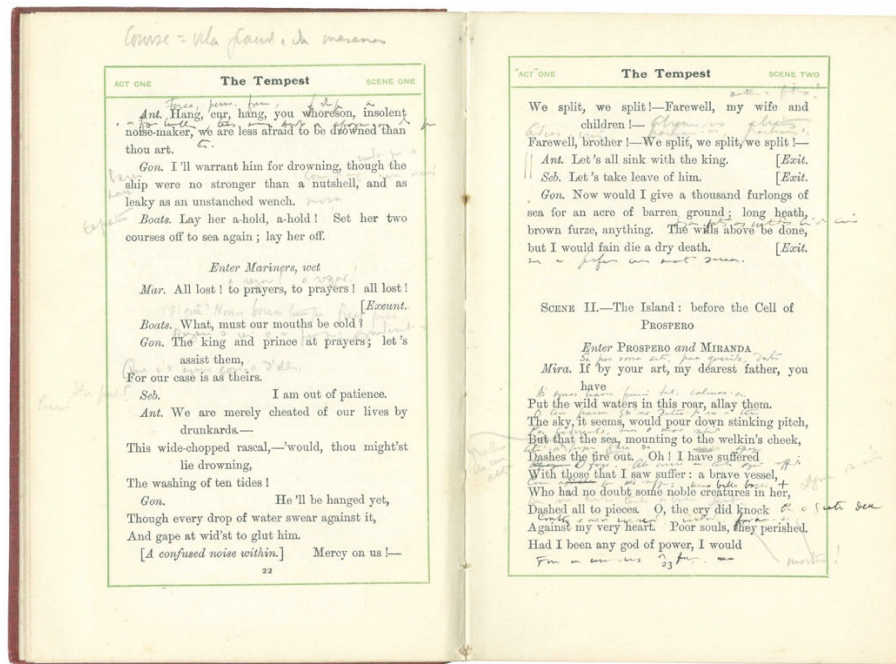


Fig. 24. Shakespeare, *The Tempest*, 1908, pp. 22-23. (CFP 8-507). Cf. FILIPE (2018: 170-171).

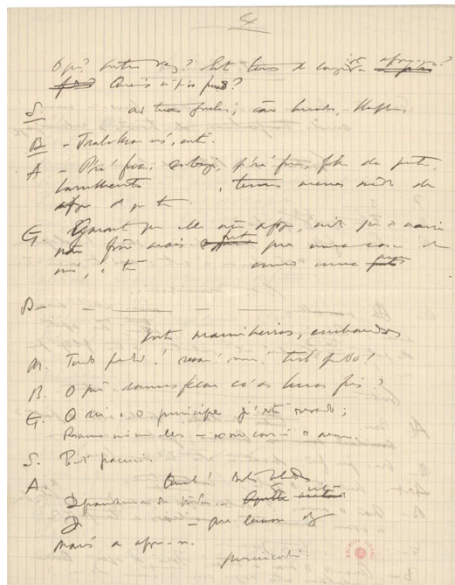


Fig. 25. BNP/E3, 74-83a^v.

- 4
- [B.] O que? Outra vez? Então temos de largar isto e afogar-nos?²⁴ Quereis ir p'ro fundo??
- S. □ as tuas goelas, cão berrador, blasphemo,
- B – Trabalhae vós, então.
- A – P'rá força, selvagem, p'rá força, filho da puta, barulhento □, temos menos medo de afogar do que tu.
- G. Garanto²⁵ que elle não afoga, inda que o navio não fôsse mais forte²⁶ que uma casca de nós, e tão □ como uma moça²⁷.
- B – -----
- Entram marinheiros, encharcados
- M. Tudo perdido! resae! resae! tudo perdido!
- B. O quê vamos ficar co'as boccas frias?
- G. O rei e o principe já estão resando; Resamos nós com elles – nosso caso é o mesmo.
- S. Perdi paciencia.
- A. Qual! Estes bebados Defraudaram as nossas vidas. –Esse vilão²⁸
- D □ – que levem dez Marés a afogar-se.
- [G.] Misericordia.

²⁴ largar [↑ isto] e <ir p'ro> [↑ afogar-nos?] <fundo?>

²⁵ <E> Garanto

²⁶ <suppor> forte

²⁷ <puta> [↑ *moça]. Em (SHAKESPEARE, 1908: 22): moça (cf. FILIPE, 2018: 171).

²⁸ <Aquele malandro> [↑ Esse vilão]

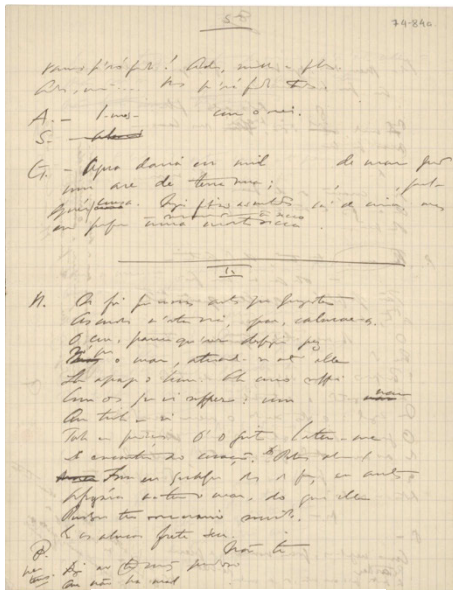


Fig. 26. BNP/E3, 74-84a.

- 5
- [G.] Vamos p'ró fundo! Adeus, mulher e filhos.
Adeus, irmão... Vamos p'ró fundo todos.
- A. I-mos – □ com o rei.
- S – □²⁹
- G. – Agora daria eu mil □ de mar por
Um acre de terra secca; □, □, qual-
quer cousa³⁰. Sejam feitas as vontades lá de cima, mas
eu prefiro morrer □ ou secco³¹.
- II
- M. Se foi por vossas artes que puzestes
As ondas n'esta ira, pae, calmae-as.
O ceu, parece qu'rer despejar pez □
Só que³² o mar, atirando-se até elle
Lhe apaga o lume. Ah como soffri
Com os que vi soffrer: um[a] □ nau³³
Que tinha em si □
Toda em pedaços. Ó o grito bateu-me
De encontro ao coração. Pobres³⁴ almas!
Fosse³⁵ eu qualquer deus da força eu antes
Apagára na terra o mar, do que elle
Pudesse ter esse navio sumido,
E as almas frete seu.
- P. Não te □
Nem temas.³⁶ Diz ao teu³⁷ coração piedoso
Que não ha mal

²⁹ <Abrimos>

³⁰ <cousa> [↑ cousa]

³¹ uma morte secca [↑ morrer □ ou secco]. Em (SHAKESPEARE, 1908: 23): uma morte secca.

³² <Mas> [↑ Só que]

³³ <*mar> [↑ nau]

³⁴ <De> Pobres

³⁵ <Morrer> Fosse

³⁶ [← Nem | temas.]

³⁷ /teu/

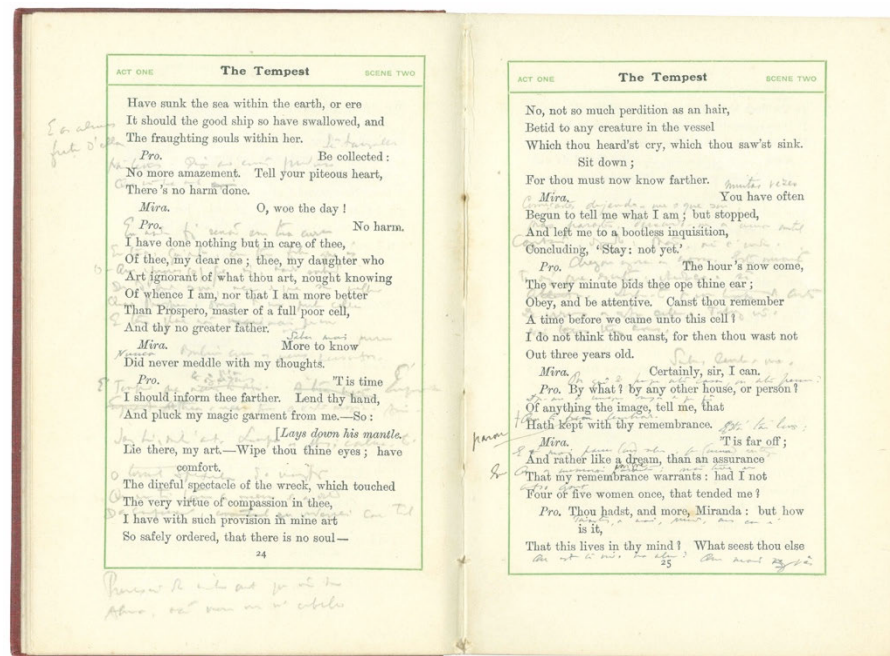


Fig. 27. Shakespeare, *The Tempest*, 1908, pp. 24-25. [CFP 8-507]. Cf. FILIPE (2018: 173).

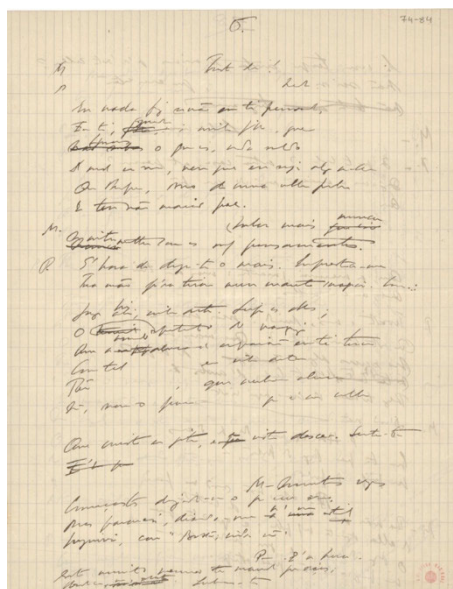


Fig. 28. BNP/E3, 74-84^r.

- 6.
- M Triste dia!
- P Nada.
- Eu nada fiz senão em ti pensando,
Em ti, querida³⁸; minha filha, que
Ignoras³⁹ o que és, nada sabendo
D' onde eu sou, nem que eu seja algo melhor
Que Prospero, dono de uma cella pobre
E teu não maior paç.
- M. Saber mais nunca⁴⁰
- P. Se intrometteu⁴¹ com os meus⁴² pensamentos.
- P. É hora de dizer-te o mais. Empréstame
Tua mão p'ra tirar meu manto magico. Bom:
Jaz lá⁴³, minha arte. Limpa os olhos;
O horrendo⁴⁴ spectaculo do naufragio
Que a alma⁴⁵ e compaixão em ti tocou
Com tal □ em minha arte
Tão □, que nenhuma alma
Não, nem o pouco □ que é um cabelo
□
Que ouviste a gritar, e †⁴⁶ viste descer. Senta-te –
□⁴⁷
- M – Muitas vezes
Começastes dizendo-me o que eu era.
Mas paraveis, deixando-me n'uma esteril⁴⁸

³⁸ <filha> [† querida]

³⁹ <Não sabes> [† Ignoras]

⁴⁰ <que isso> [† nunca]

⁴¹ <Nunca> [† Se intrometteu]

⁴² m/

⁴³ ahi [† lá]

⁴⁴ <terrível> [↓ horrendo]

⁴⁵ <sua prop> alma

⁴⁶ <que> [† †]

⁴⁷ <*É bem que>

⁴⁸ <a uma> [† n'uma] / esteril/

Inquirição, com “Basta; inda não.”

P – É a hora.

Estes minutos mesmo mandam⁴⁹ que oiças;

Obedece-me, escuta⁵⁰. Lembra-te

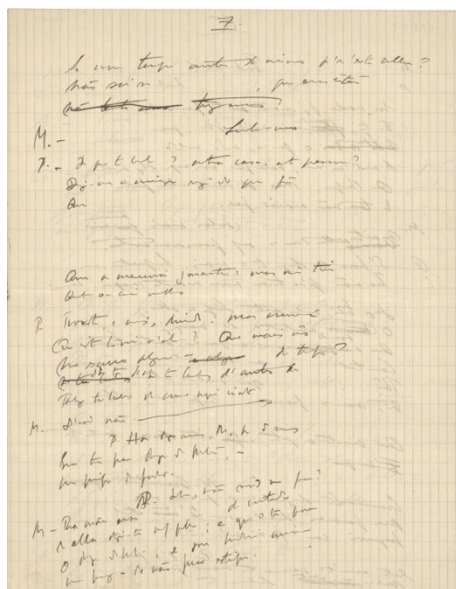


Fig. 29. BNP/E3, 74-84v.

Z.

De um tempo antes de virmos p'r 'esta cella?

Não sei se □, que eras então

trez anos⁵¹.

M. – Lembro-me[.]

P. – De que te lembras? Outra casa, outra pessoa?

Diz-me a imagem seja do que fôr

Que □

[M.] □

□

Que a memoria garanta: mas não tive

Quatro ou cinco mulheres □

P. Tiveste, e mais, Miranda: mas como é

Que isto te vive n'alma? Que mais vês

No escuro abysmo – □ do tempo⁵²?

Se tu de algo⁵³ te lembras d'antes de □

Talvez te lembres de como aqui vieste

M. D'isso não.⁵⁴

P. Ha doze anos, M[iranda], há d[oze] anos

Era teu pae duque de Milão,⁵⁵

Um principe de poder.

M⁵⁶ – Senhor, não sois meu pae?

M⁵⁷ – Tua mãe era □ de virtude

E ella diz-te minha⁵⁸ filha; e que o teu pae

O duque de Milão, e sua herdeira unica

Uma princeza – de não peor estirpe.

⁴⁹ <te> mandam

⁵⁰ Obedece <, só se ou> [↑-me, escuta].

⁵¹ <Não tenho como> trez anos.

⁵² No escuro abysmo – <e abysmo> □ do tempo?

⁵³ <Se tu lembras> [↑ Se tu de algo]

⁵⁴ No final da fala desenhou-se uma seta que indica, muito provavelmente, o avanço na linha, como de resto aparece nas três edições diferentes (SHAKESPEARE, [s.d.]: 2), (SHAKESPEARE, 1908: 26) e (SHAKESPEARE, 1921: 8).

⁵⁵ <e>

⁵⁶ <P>/M\

⁵⁷ A fala pertence, na verdade, a Próspero. Aparentemente, o equívoco anterior, que Pessoa emendou, gerou este, que acabou por não ser emendado.

⁵⁸ m/

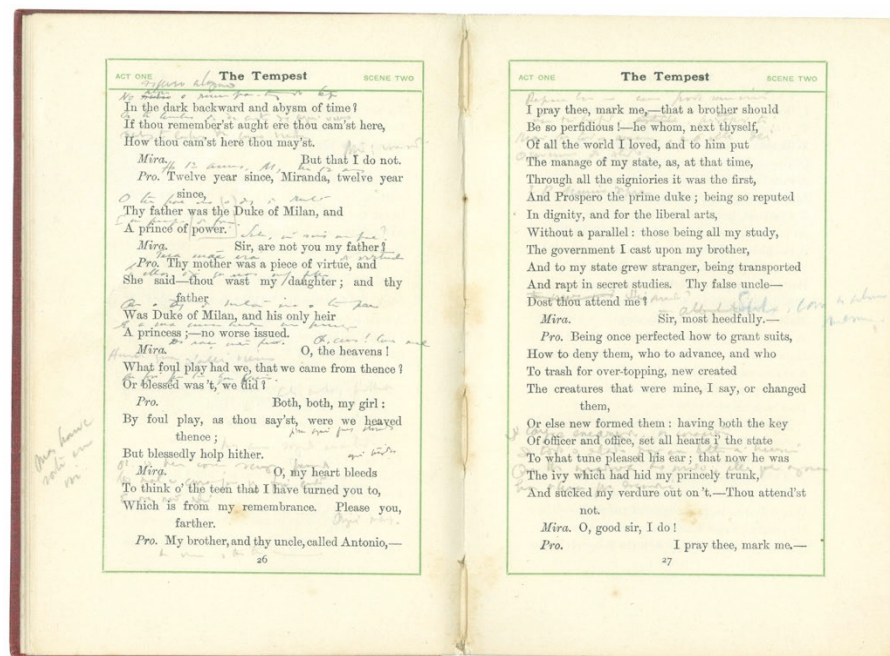


Fig. 30. Shakespeare, *The Tempest*, 1908, pp. 26-27. (CFP 8-507). Cf. FILIPE (2018: 174-177).

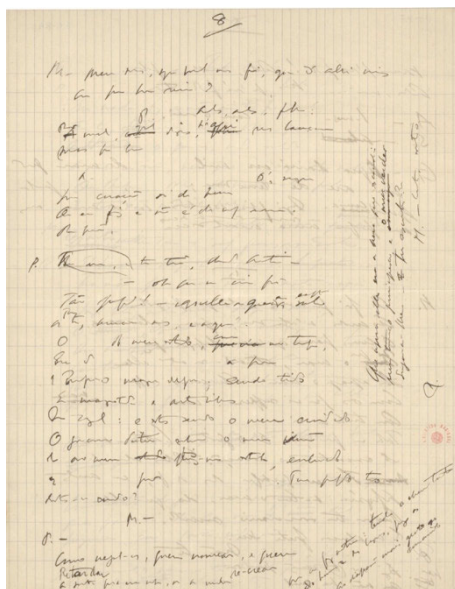


Fig. 31. BNP/E3, 74-84a.

- 8
- M – Meu Deus, que mal nos foi, que d'alli viemos
Ou por bem seria?
- P. Ambos, ambos, filha:
Por mal, qual dizes, pr'aqui⁵⁹ nos lançaram
Mas por bem □
- M – Ó, sangra
Meu coração só de pensar □
Que eu fiz e não é da minha⁶⁰ *memoria.
Por favôr, □
- P. Ora eu, e⁶¹ teu tio, chamado Antonio –
– oh que um irmão fôsse
Tão perfido! – aquelle a quem mas excepto⁶²
Tu, amam *mais, e a quem □
O □ do meu estado, como, nesse⁶³ tempo,
Era de □ o primeiro
E Prospero magno duque; sendo tido
Em magistrado e artes liberaes
Sem igual: e estes sendo o meu cuidado
O governo deitei sobre o meu irmão⁶⁴
E ao meu □ fiz-me⁶⁵ extranho, enleado
E □ por □. Teu perfido tio...
Estas-me ouvindo?
- M. – □
- P. – □
Como negal-os, quem nomear, e quem
Retardar □ *re-crear
A gente que era minha, ou a mudou

⁵⁹ <A> [↑ Por] mal, <como> [↑ qual] dizes, <p'ra> [↑ pr'aqui]

⁶⁰ m/

⁶¹ /Ora eu, e/

⁶² quem [↑mas excepto], salvo | A ti [↑ Tu],

⁶³ <que era> como, nesse

⁶⁴ <t>/i\rmão

⁶⁵ <estado> puz[↑fiz]-me

Ou⁶⁶ a fez outra: tendo a chave tanto
Do[s] homen[s] e dos logares, fez os □
Ao diapasão mais grato ao seu ouvido
Que⁶⁷ agora elle era a hera que escondia
Meu tronco principesco, e o meu verder
Sugara-lhe – Tu escutas?

M. – Escuto, escuto.

P. □

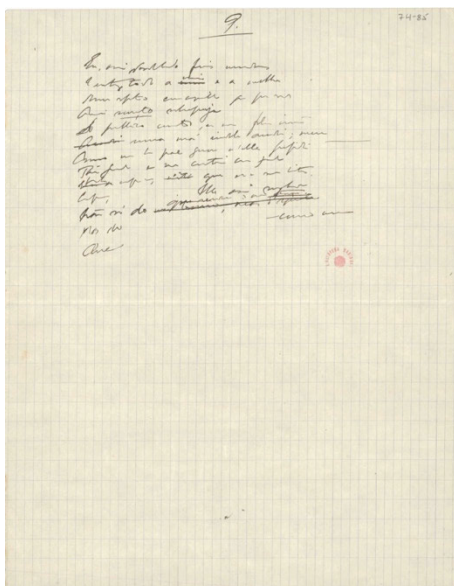


Fig. 32. BNP/E3, 74-85r.

9.

[P.] Eu, assim desdenhando fins mundanos
E entregue todo a mim⁶⁸ e a melhorar
Meu spirito em aquillo que por ser
Assim *sancto⁶⁹ sobrepuja
Do publico *encontro, em meu falso irmão
Uma má indole acordei⁷⁰; meu □
Como um bom pae gerou n'elle perfidia —
Tão grande em seu contrario como falsa
Minha⁷¹ confiança, no⁷² que era sem limites.
Confiança □. Elle assim senhor
Não só do que recebera do meu tesouro⁷³
Mas do □ – como um
Que □

⁶⁶ [→ ou a fez outra: tendo a chave tanto | Do[s] homen[s] e dos logares, fez os □ | Ao diapasão mais grato ao {↓seu ouvido}]

⁶⁷ [↑ Que agora elle era a hera que escondia | Meu tronco principesco, e <o seu corpo> [↑ o meu verder] | Sugara-lhe – <E> Tu escutas?

⁶⁸ <↑> [↑ mim]

⁶⁹ /sancto/

⁷⁰ <Acordei> uma má indole acordei

⁷¹ <Era a> [↑ Minha]

⁷² <minha> [↑ no]

⁷³ <meu tesouro, mas d'aquella> [↑ que recebera do meu tesouro]

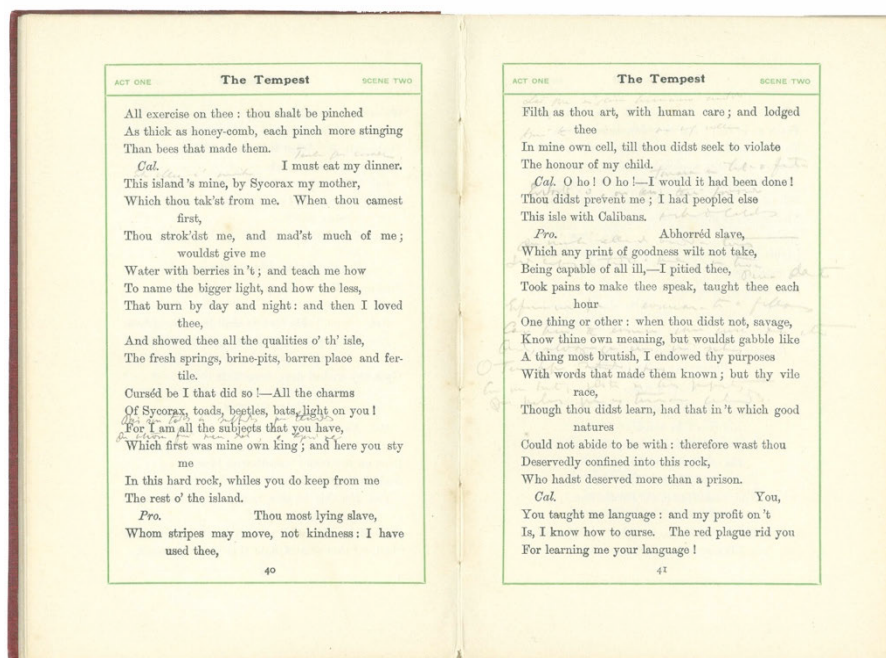


Fig. 33. Shakespeare, *The Tempest*, 1908, pp. 40-41. (CFP 8-507). Cf. FILIPE (2018: 189-190).

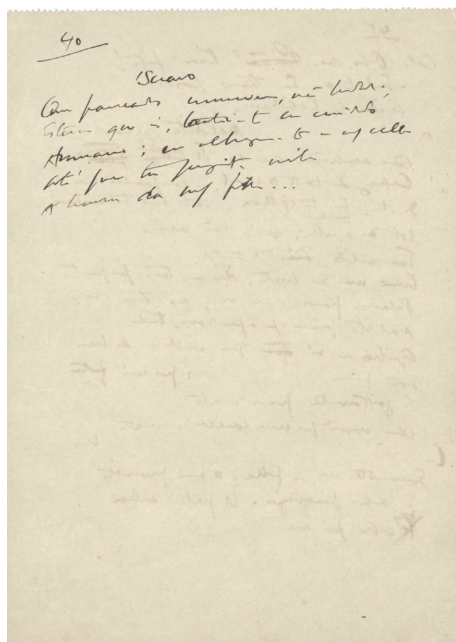


Fig. 34. BNP/E3, 74-79v.

40

□ 'Scravo

Que pancadas commovem, não bondade;
Esterco que és, levantei-te com cuidado
Humano; eu alberguei-te na m[inha]⁷⁴ cella
Até que tu quizeste violar
A honra da m[inha]⁷⁵ filha...

⁷⁴ m/

⁷⁵ m/

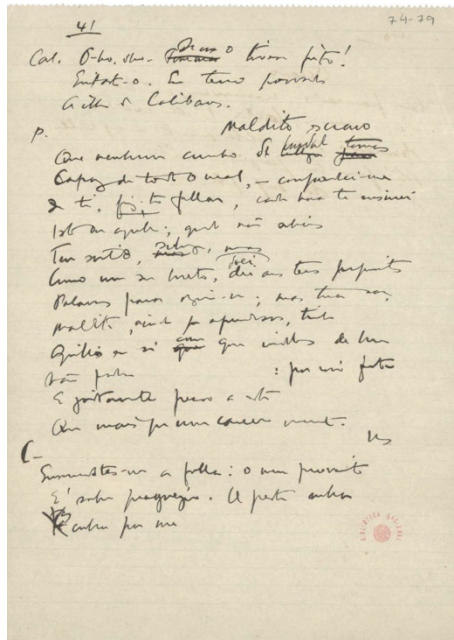


Fig. 35. BNP/E3, 74-79r.

41

Cal. O-ho, O ho – Se eu o⁷⁶ tivesse feito!
Evitaste-o. Eu teria povoado
A ilha de Calibans.

P. Maldito escravo
Que nenhum cunho de bondade⁷⁷ tomas⁷⁸
Capaz de todo o mal, – compadeci-me
De ti, fiz-te⁷⁹ fallar, cada hora te ensinei
Isto ou aquilo; quando não sabias
Teu sentido, selvagem⁸⁰, mas □
Como um ser bruto, doe⁸¹ aos teus propositos
Palavras para dizer-se; mas tua raça
Maldita, ainda que aprendesses, tinha
Aquillo em si com⁸² que individuos de bem
Não podem □: por isso foste
E justamente preso a esta □
Que mais que um carcere mereceste.

C – Vos
Ensinastes-me a fallar: o meu proveito
É saber praguejar. A peste rubra
Vos⁸³ cubra por me □

⁷⁶ <Tomara> [↑ Se eu o]

⁷⁷ <belleza> [↑ bondade]

⁷⁸ <*jorras> [↑ *tomas]

⁷⁹ /fiz-te/

⁸⁰ <mas> [↑ selvagem]

⁸¹ dei [↑ doe]

⁸² <que> [↑ com]

⁸³ <Te>/Vos\

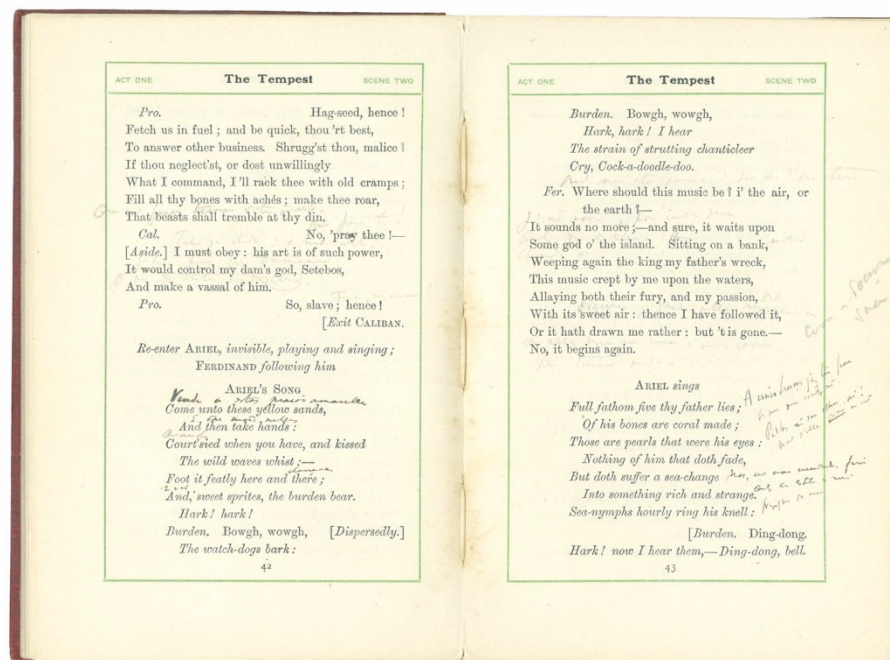


Fig. 36. Shakespeare, *The Tempest*, 1908, pp. 42-43. [CFP 8-507]. Cf. FILIPE (2018: 191-192).

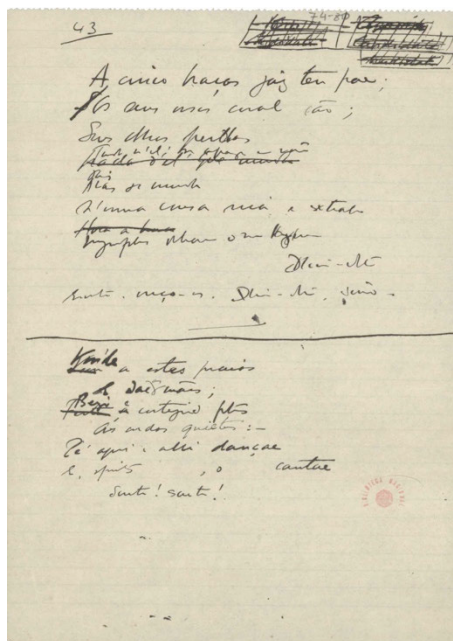


Fig. 37. BNP/E3, 74-80r.

43

A cinco braças jaz teu pae;
Os⁸⁴ seus ossos coral são;
Seus olhos perllas
Tudo n'el' se apaga em vão⁸⁵
Pois⁸⁶ se muda □
N'uma cousa rica e extranha
Nymphas⁸⁷ dobram o seu hymno
Dlim- dlão
Escuta. Ouço-as. Dlim-dlão, sino.

|—|

Vinde⁸⁸ a estas praias □
E dae as⁸⁹ mãos;
Beijar e cortejar⁹⁰ fostes
Ás ondas quietas: —
Pé aqui e alli dança
E, espiritos □, o □ cantae
Scuta! scuta!

⁸⁴ <S> [→ Os seus]

⁸⁵ <Nada d'el' que acorda> [↑ Tudo n'el' se apaga em vão]

⁸⁶ Mas [↑ Pois]

⁸⁷ <Hora a hora> [↓ Nymphas]

⁸⁸ <Vem> [↑ Vinde]

⁸⁹ [↑ as]

⁹⁰ <Fostes a> [↑ Beijar e cortejar]

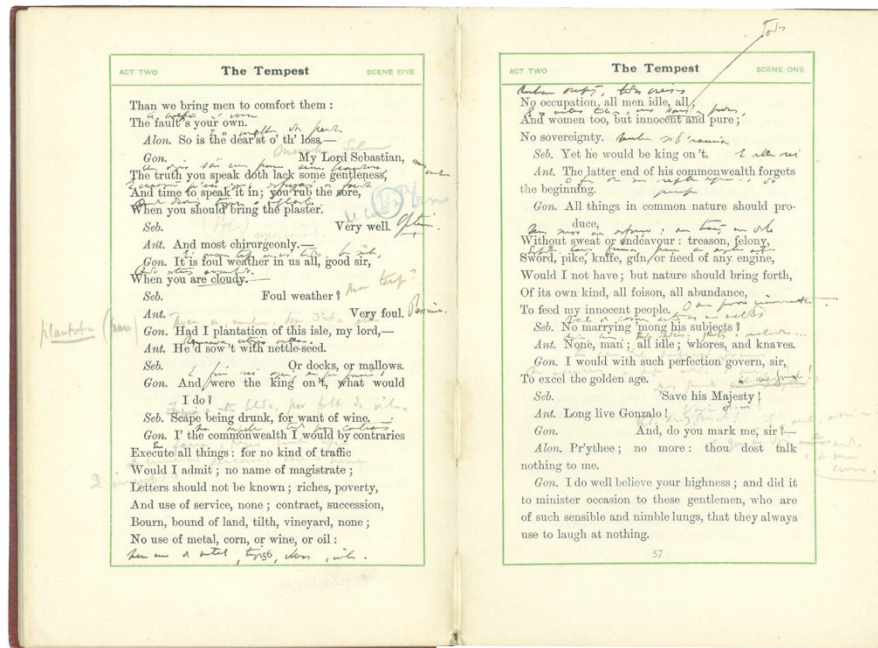


Fig. 38. Shakespeare, *The Tempest*, 1908, pp. 56-57. (CFP 8-507). Cf. FILIPE (2018: 205-206).

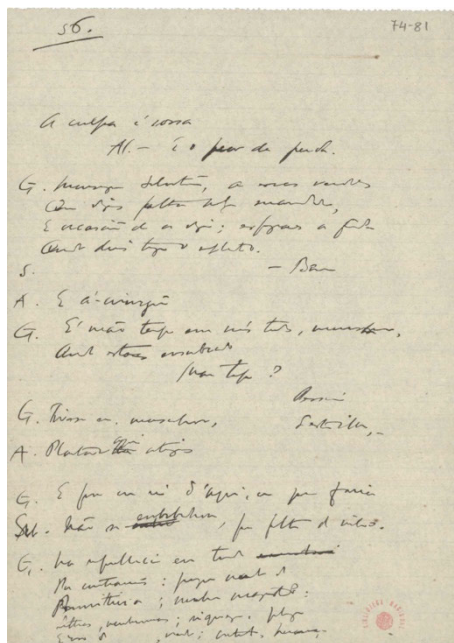


Fig. 39. BNP/E3, 74-81¹.

56.

A culpa é vossa

Al. – é o peor da perda.

G. Monseñor Sebastião, a essas verdades
Que dizes falta alguma suavidade,
E ocasião de as dizer; esfregas a ferida
Quando devias trazer o emplasto.

S. – Bem

A. E á-cirurgião

G. É mau⁹¹ tempo em nós todos, monsenhor⁹²,
Quando estaes ensombrado

[S.] Mau tempo?

[A.] Pessimismo

G. Tivesse eu, monsenhor, □ desta ilha, –

A. Plantava aqui⁹³ urtigas

G. E fosse eu rei d'aqui, eu que faria

Seb. Não se embebedava⁹⁴, por falta de vinho.

G. Na republica eu tudo □⁹⁵

Por contrarios: porque nenhum de □

Permittiria; nenhum magistrado;

Letras, nenhuma; riqueza, pobreza

E uso de □, nenhum; contrato, heranças,

⁹¹ No original, "mão". Corrigiu-se.

⁹² monse<gn>/h\ or. Fernando Pessoa altera a grafia da palavra, de "monseñor" para "monsénhor", não tendo ajustado o critério sete linhas acima.

⁹³ <ca> [↑ aqui]

⁹⁴ <embe> [↑ embebedava]

⁹⁵ <executaria>

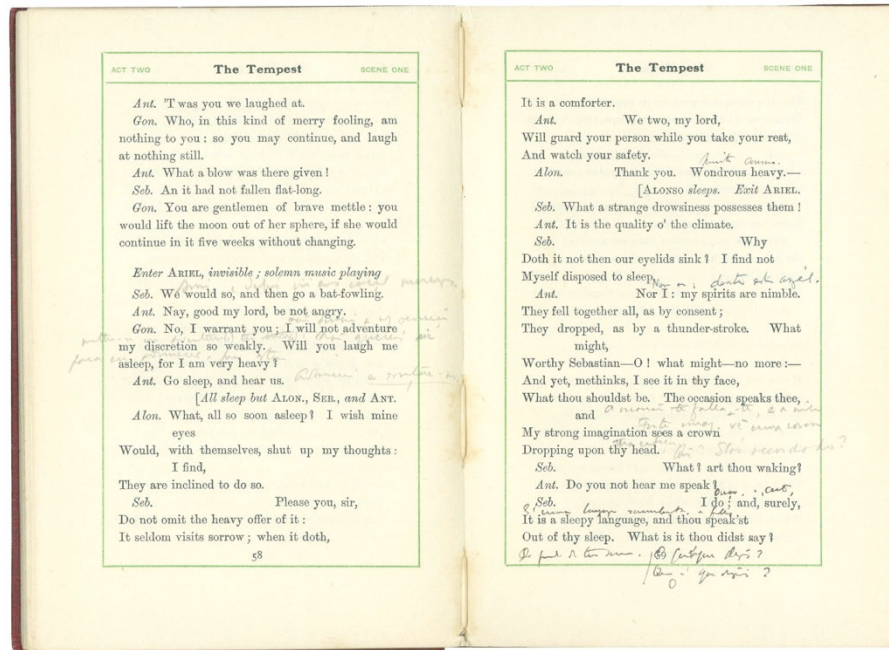


Fig. 40. Shakespeare, *The Tempest*, 1908, pp. 58-59. (CFP 8-507). Cf. FILIPE (2018: 209).

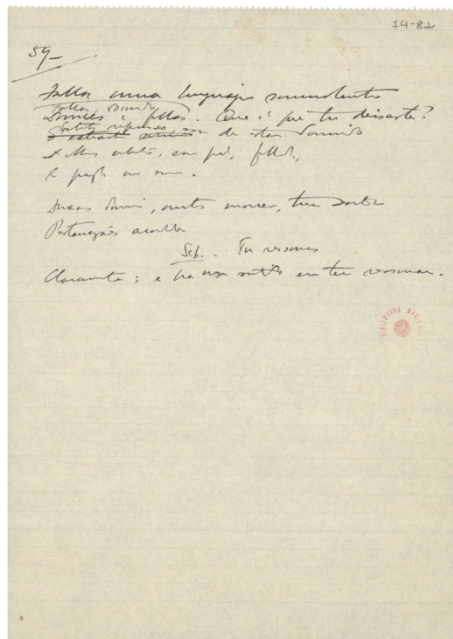


Fig. 41. BNP/E3, 74-82r.

59 –

- [S.] Fallas numa linguagem somnolenta
Fallas, dormindo⁹⁶. Que é que tu disseste?
Extranho repouso⁹⁷, esse de estar dormindo
De olhos abertos, em pé, fallando,
E pregado ao somno.
[A.] Deixas dormir, antes morrer, tua sorte
Pestanejas accordado

Seb. – Tu ressonas
Claramente; e ha um sentido em teu ressonar.

⁹⁶ Dormes e fallas [↑ Fallas, dormindo]

⁹⁷ <É extranho somno> [↑ Extranho repouso],

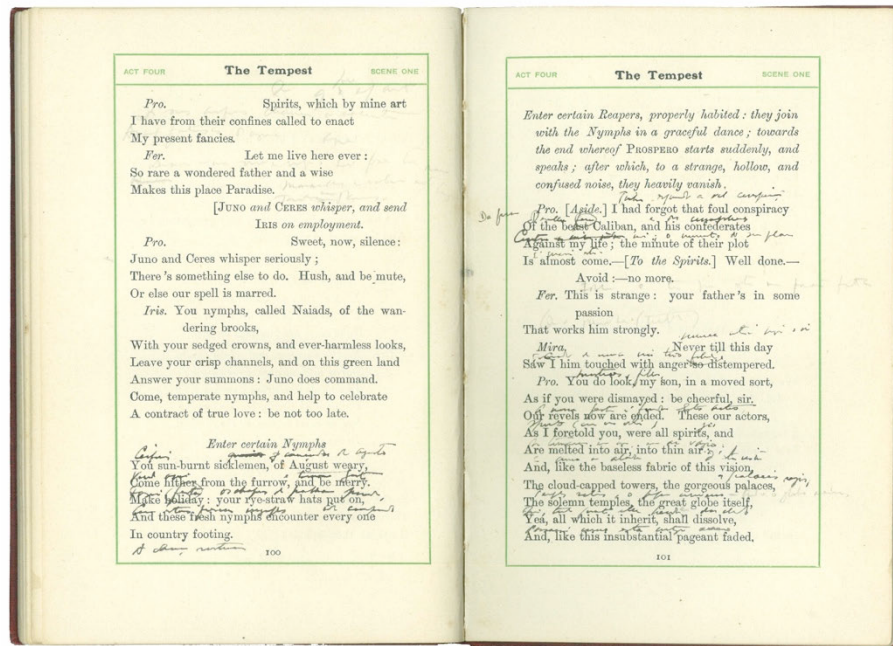


Fig. 42. Shakespeare, *The Tempest*, 1908, pp. 100-101. (CFP 8-507). Cf. FILIPE (2018: 251).

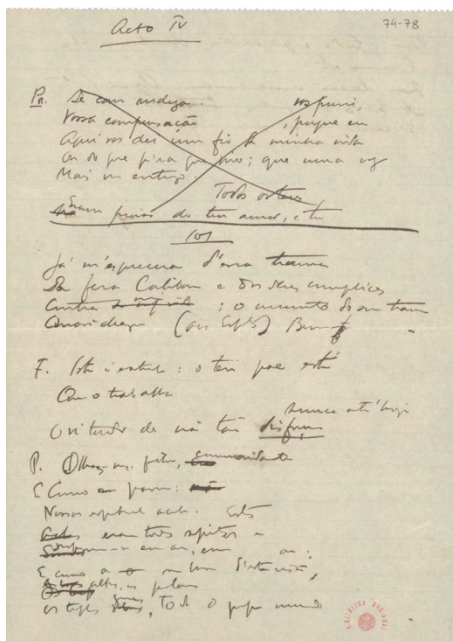


Fig. 43. BNP/E3, 74-78^r.

Acto IV

Pr.⁹⁸ Se com rudeza □ vos puni,
Vossa compensação □, porque eu
Aqui vos dei um fio da minha vida
Ou do que p'ra que vivo; que uma vez
Mais vos entrego.

Todos os teus □

Eram⁹⁹ provas do teu amor, e tu

|-|

101

[Aparte de Próspero]

Já m'esquecera d'essa trama
Da fera Caliban e dos seus cúmplices
Contra mim¹⁰⁰; o minuto da sua trama
Quasi chegou (aos Espíritos) Bem¹⁰¹ □.

F. Isto é estranho: o teu pae está □
Que o trabalha

[M.] Nunca até hoje

O vi tocado de ira tão disforme¹⁰²

P. Olhas-me, filho, commovidamente¹⁰³

E como pesa: □¹⁰⁴

Nosso espectáculo acabou. Estes

⁹⁸ Esta fala de Próspero do início do Acto IV, foi rasurada. A próxima anotação já pertence à página 101, conforme indicação ao centro, sublinhado.

⁹⁹ <Na> Eram

¹⁰⁰ <a m/ vida> [† mim]

¹⁰¹ <f> Possivelmente, a tradução era "bem feito", mas Pessoa hesitou.

¹⁰² /disforme/ (Note-se que esta é a palavra usada por Pessoa para traduzir a descrição do escravo Caliban em (SHAKESPEARE, 1921: [2]): "Um escravo selvagem e disforme" (cf. FILIPE, 2018: 152). Na edição de 1908, não há tradução (cf. FILIPE, 2018: 167). No autógrafo [BNP/E3, 74-83^r] transcrito neste artigo aparece, "escravo selvagem e defeituoso". A descrição "Um escravo selvagem e disforme", também aparece em SHAKESPEARE, 1926: [0])

¹⁰³ <com> [† commovidamente]

¹⁰⁴ [← E] Como <me> pesa: <não>

Actores eram¹⁰⁵ todos spiritos e
 Desfizeram-se¹⁰⁶ em ar, em □ ar:
 E como a □¹⁰⁷ sem base d'esta visão,
 <Os temp> [↑ As <torres> altas, os palacios]
 Os templos serenos¹⁰⁸, todo o proprio mundo

Sim, e tudo o que herdares, dissolver-se-ha
 E, como este □
 Nem deixar uma nuvem. Somos feitos
 Do tecido dos sonhos; nossa vida¹⁰⁹
 É cercada de um somno. Senhor, □

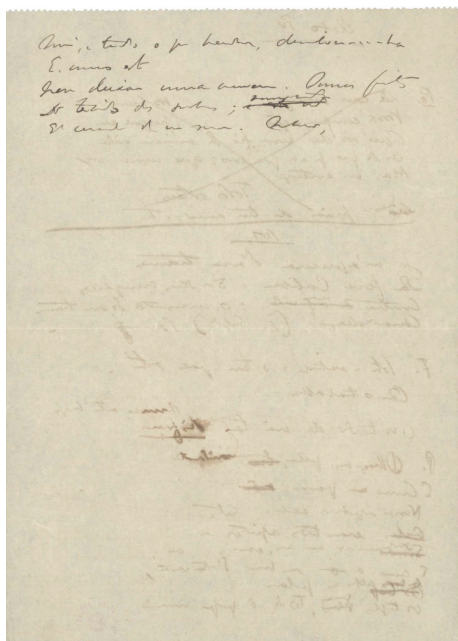


Fig. 44. BNP/E3, 74-78v.

¹⁰⁵ <Actores> eram

¹⁰⁶ <Sumiram> [↑ Desfizeram-se]

¹⁰⁷ <S>

¹⁰⁸ <solemnes> serenos

¹⁰⁹ <e esta vida> [↑ nossa vida]

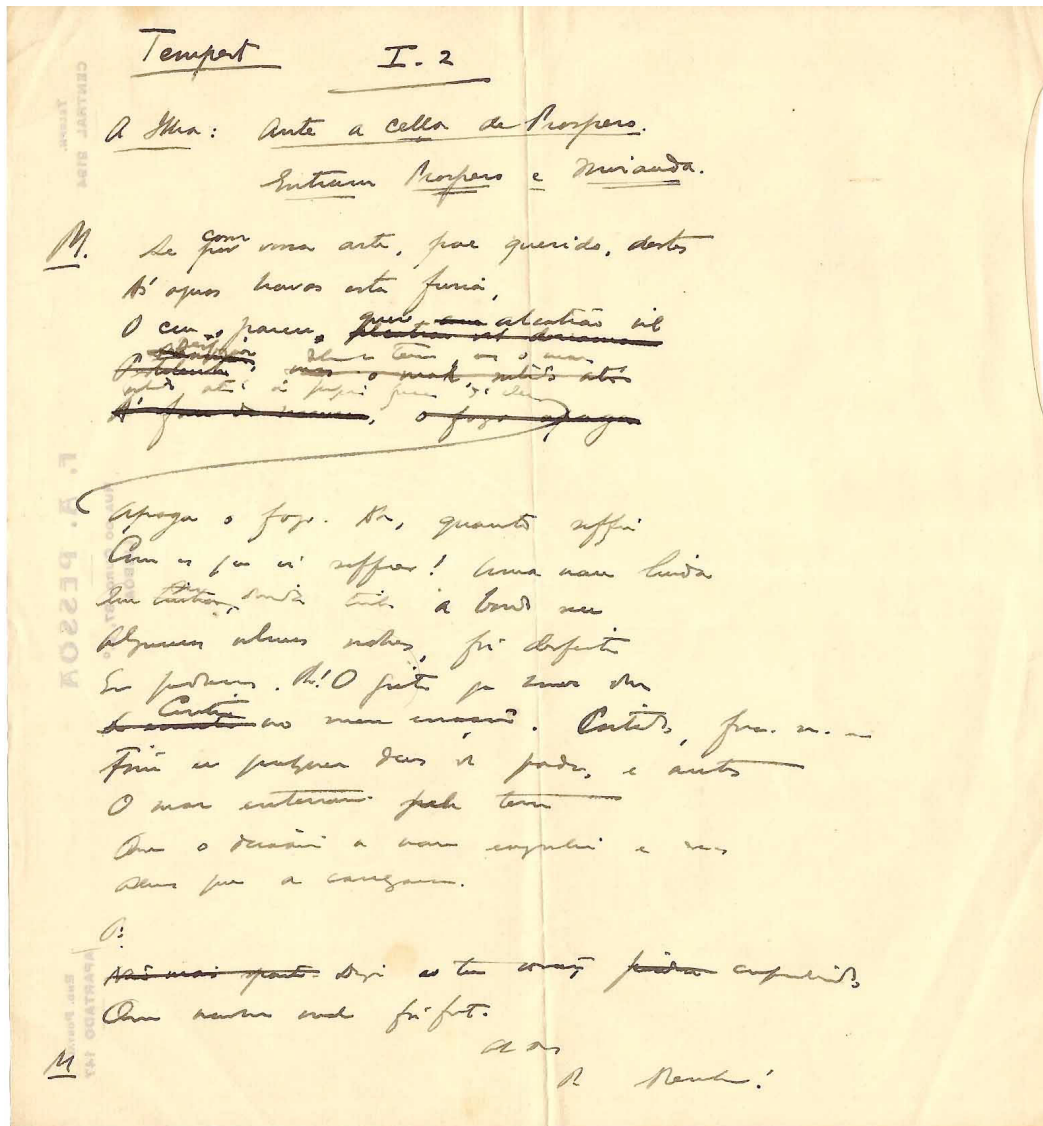


Fig. 45. Sem cota, avulsos 550. Shakespeare, *The Tempest*, 1908, pp. 23-24. (CFP 8-507).
Cf. FILIPE (2018: 172-173)

Tempest

I - 2

*A ilha: Ante a cella¹¹⁰ de Prospero.**Entram Prospero e Miranda.*

M. Se com¹¹¹ vossa arte, pae querido, destes
 Às aguas bravas esta furia, □
 O ceu parece querer alcatrão vil¹¹²
 despejar¹¹³ sobre a terra mas o mar¹¹⁴
 Subindo até á propria face do ceu¹¹⁵
 Apaga o fogo. Ah, quanto soffri
 Com os que vi soffrer! Uma nau linda
 Que sem¹¹⁶ duvida tinha a bordo seu
 Algumas almas nobres, foi desfeita
 Em pedaços. Oh! O grito que *homem deu
 Contra¹¹⁷ ao meu coração. Coitado, fora-se...
 Fôra eu qualquer deus de poder, e antes
 O mar enterraria pela terra
 Que o deixaria a nau engolir e suas
 Almas que a carregam.

P:

Dize¹¹⁸ ao teu coração confundido¹¹⁹
 Que nenhum mal foi feito.

M

Ah Deus

P. Nenhum!

¹¹⁰ /cella/

¹¹¹ por [↑ com]

¹¹² < alcatrão vil derramar> [↑ querer <como> alcatrão vil]

¹¹³ <Pestilento> [↑ derramar] [↑ despejar]

¹¹⁴ <mas o mar, subindo até> [↑ sobre a terra mas o mar]

¹¹⁵ <Às faces das nuvens, o fogo apaga> [↑ Subindo até á propria face do ceu]

¹¹⁶ <tinha> [↑ <Sem>]

¹¹⁷ <De encontro> [↑ Contra]

¹¹⁸ <Não mais *spanto>

¹¹⁹ <piadoso> confundido

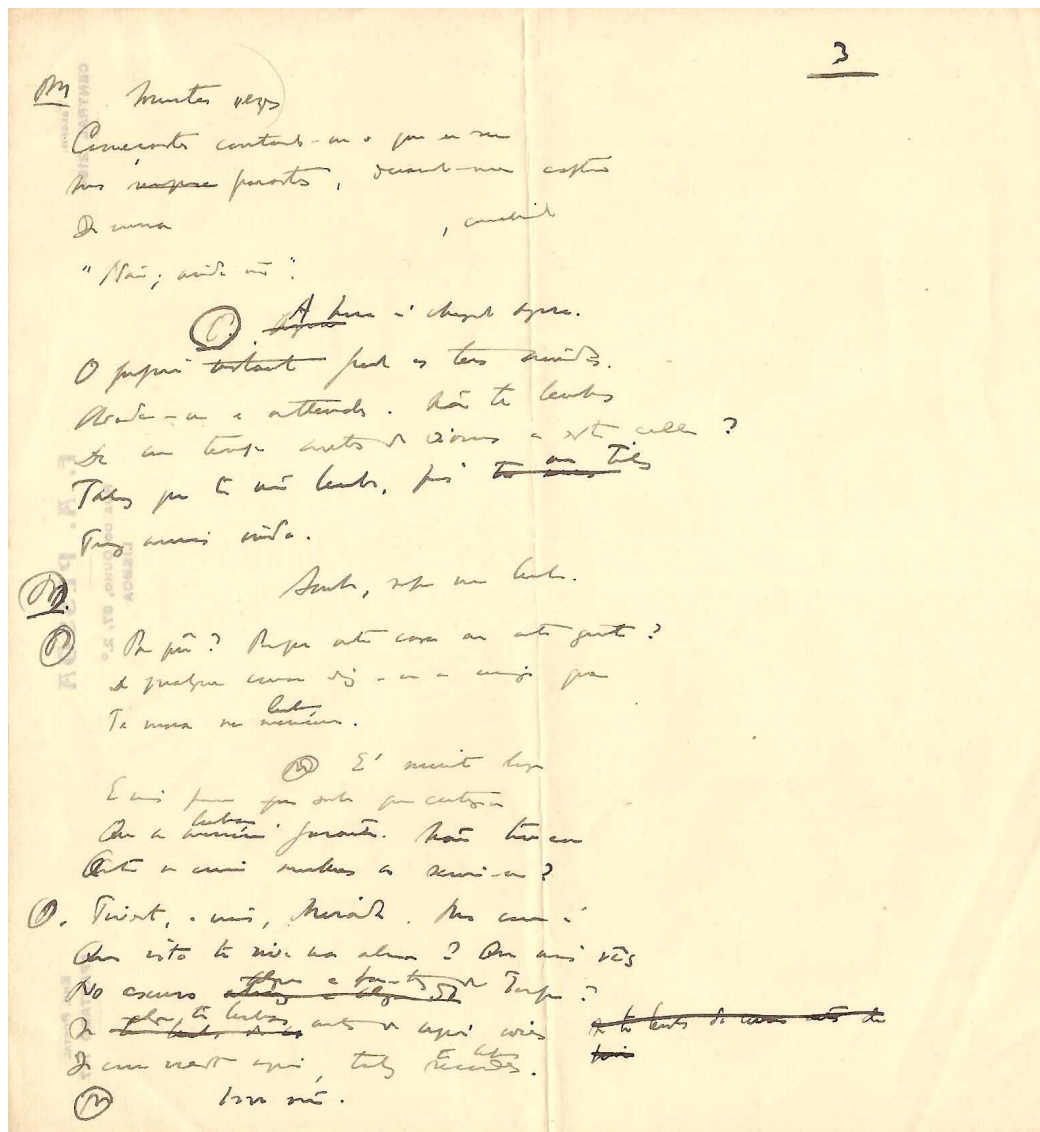


Fig. 46. Sem cota, avulsos 553. Shakespeare, *The Tempest*, 1908, pp. 25-26. (CFP 8-507).
 Cf. FILIPE (2018: 173-174).

3

M. Muitas vezes

Começastes contando-me o que eu sou
Mas parastes¹²⁰, deixando-me captiva
De uma □, concluindo
“Não, ainda não.”

P. A hora é chegada agora.¹²¹
O proprio instante pede os teus ouvidos.
Obedece-me e attende. Não te lembras
De um tempo antes de virmos a esta cella?
Talvez que te não lembres, pois nem tinhas¹²²
Trez annos inda.

M. Senhor, *sempre me lembro.

P. Por quê? Por que outra casa ou outra gente?
De qualquer cousa diz-me a imagem que
Te *nasce na lembrança¹²³.

M. É muito longe.
E mais parece sonho¹²⁴ que certeza
Que a lembrança¹²⁵ garanta. Não tinha eu
Quatro ou cinco mulheres a servir-me?

P. Tiveste, e mais, Miranda. Mas como é
Que isto te vive na alma? Que mais vês
No escuro e para traz do Tempo?¹²⁶
Se algo te lembras antes de aqui vires¹²⁷
De como vieste aqui, talvez te lembres¹²⁸.

M. Isso não.

¹²⁰ <sempre> parastes

¹²¹ <Agora> [↑ A hora é chegada agora.]

¹²² <tu nem> [↑ nem tinhas]

¹²³ memoria [↑ lembrança]. (Note-se a mesma emenda três linhas abaixo.)

¹²⁴ <que> sonho

¹²⁵ memoria [↑ lembrança]

¹²⁶ <atrás e abysmo da> [↑ <abysmo> e para traz do Tempo?]

¹²⁷ Se <te lembras de v> [↑ algo te lembras antes de aqui vires] [→ <se te lembras de cousas antes de |Vires>]

¹²⁸ recordes [↑ te lembres]

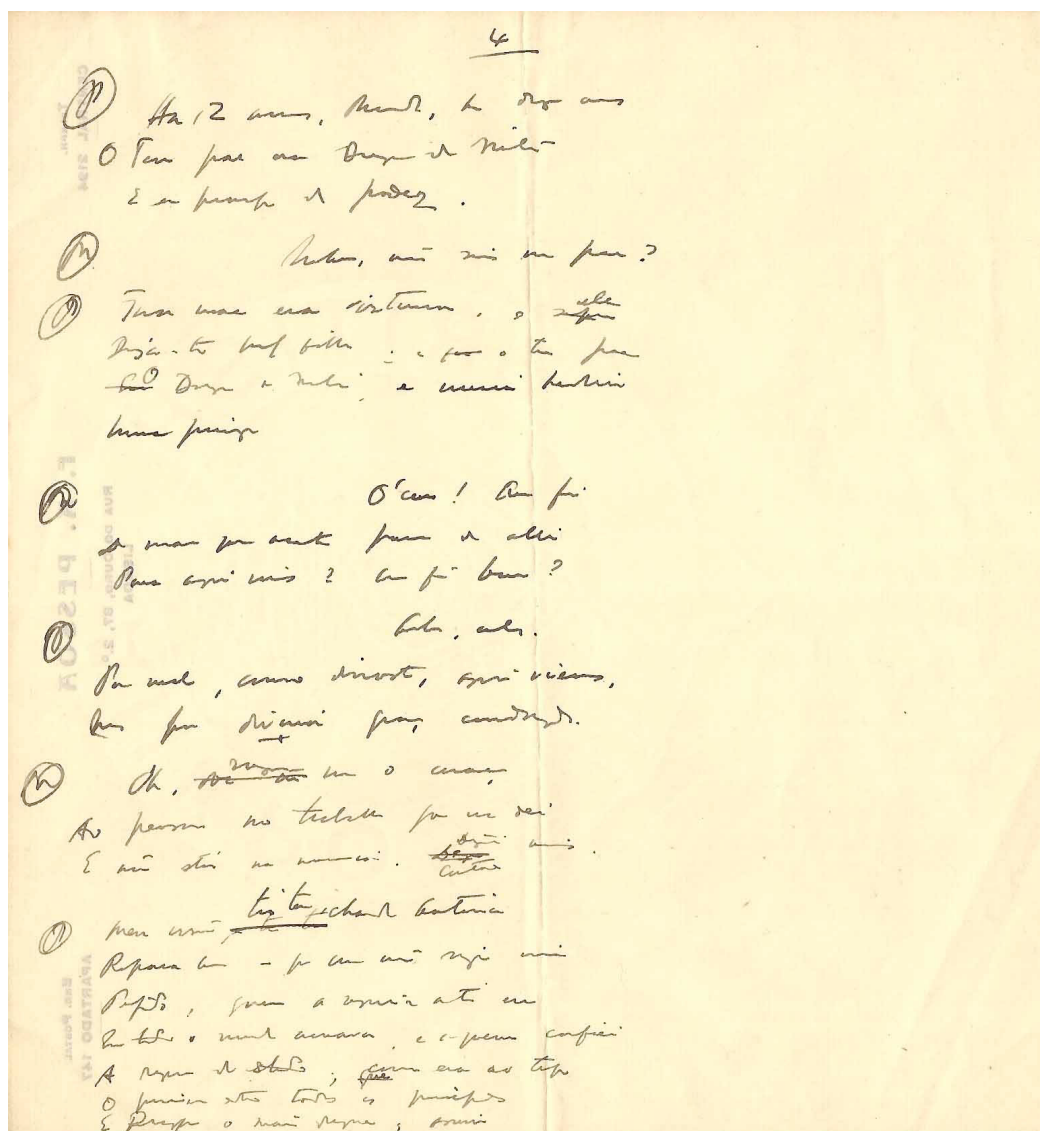


Fig. 47. Sem cota, avulsos 555. Shakespeare, *The Tempest*, 1908, pp. 26-27. (CFP 8-507).
Cf. FILIPE (2018: 174-176).

4

P. Ha 12 annos, Miranda, ha doze annos
 O teu¹²⁹ pae era Duque de Milão
 E um principe de poder.

M. Senhor, não sois meu pae?

P. Tua mae era virtuosa, e ella¹³⁰
 Dizia-te m[inha]¹³¹ filha; e o¹³² teu pae
 O¹³³ Duque de Milão, e unica herdeira
 Uma princeza □

M. Ó ceus! Que foi
 De mau que antes para de alli
 Para aqui virmos? Ou foi bem?

P. Ambos, ambos.
 Por mal, como disseste, aqui viemos,
 Mas por divina¹³⁴ graça conduzidos.

M. Oh, sangra-me¹³⁵ o coração
 Ao pensar no trabalho que vos dei
 E não stá na memoria. Dizei mais.¹³⁶

P. Meu irmão, tio teu,¹³⁷ chamado Antonio
 Repara bem – que um irmão seja mais
 Perfido, quem a seguir a ti eu
 Em todo o mundo amava, e a quem confiei
 A regra do stado; como¹³⁸ era ao tempo
 O primeiro entre todos os principes
 E Prospero o maior duque; assim

¹²⁹ [← O] Teu

¹³⁰ <sempre> [↑ ella]

¹³¹ m/

¹³² <que> o

¹³³ <Era> [↑ O]

¹³⁴ /divina/

¹³⁵ <doe não> [↑ sangra-]

¹³⁶ </Dizei/> [↓ Contae] [↑ Dizei] mais. Em SHAKESPEARE (1908: 26): Dizei mais (cf. FILIPE, 2018: 174).

¹³⁷ <e teu tio> [↑ tio teu]

¹³⁸ <que> [↑ como]

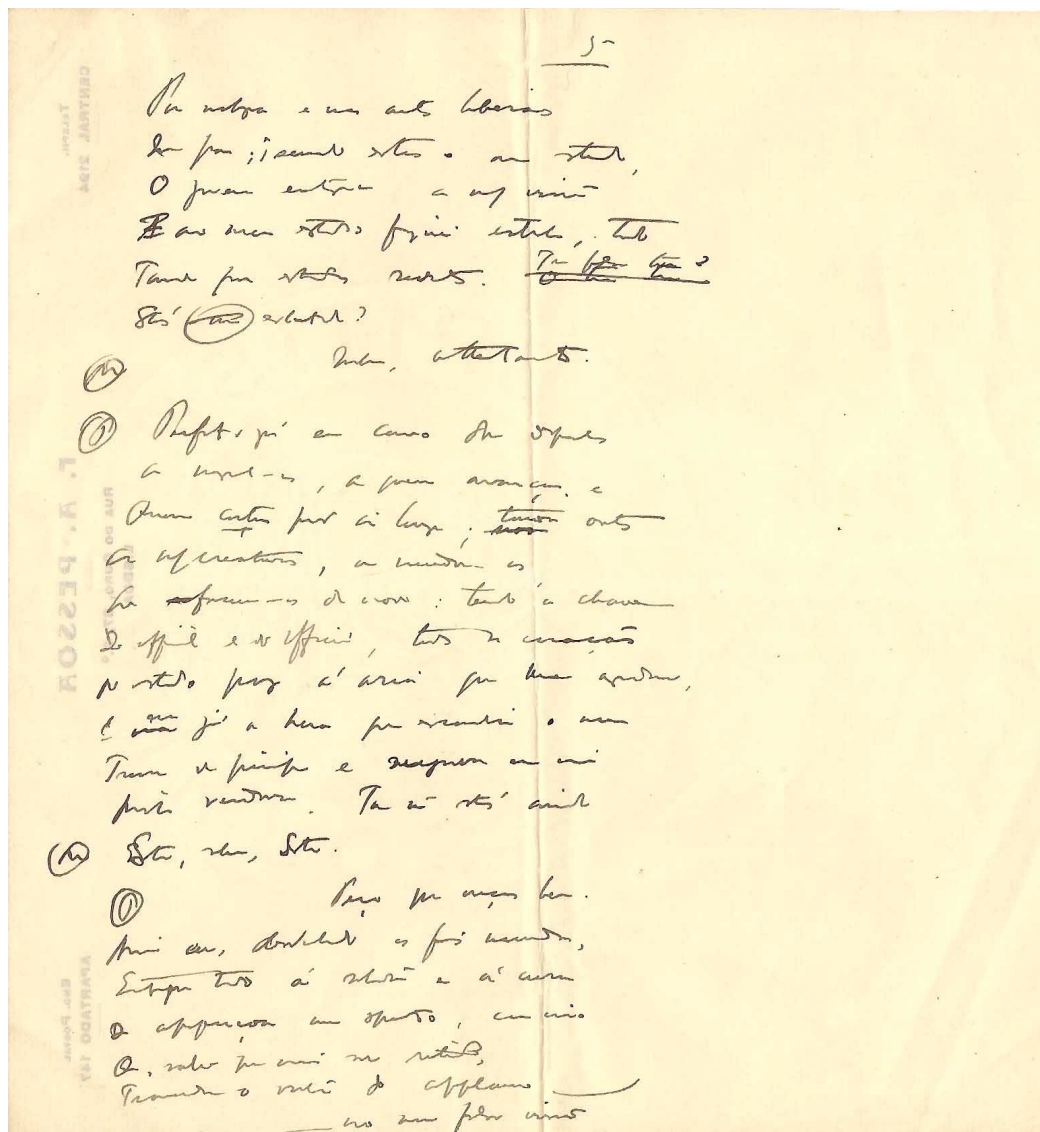


Fig. 48. Sem cota, avulsos 557. Shakespeare, *The Tempest*, 1908, pp. 27-28. (CFP 8-507).
 Cf. FILIPE (2018: 176-177).

5

Por nobreza e nas artes liberaes
 Sem par; e sendo¹³⁹ estas o meu studo,
 O governo entreguei a m[eu]¹⁴⁰ irmão
 E ao meu stado fiquei estranho, tudo
 Tendo por studos secretos. Teu falso tio¹⁴¹ –
 Stás¹⁴² escutando?

M. Senhor, attentamente.

P. Perfeito já em como dar *despachos
 A negal-os, a quem avançar, e
 Quem cortar¹⁴³ por ir longe; tornou outras¹⁴⁴
 As minhas¹⁴⁵ creaturas, ou mudou-as
 Ou formou-as¹⁴⁶ de novo: tendo a chave
 De official e do officio, todos os corações
 Do stado poz á aria que lhe agradava,
 E era¹⁴⁷ já a hera que escondia o meu
 Tronco de principe e sugava em mim
 Minha verdura. Tu não stás ouvindo

M. Stou¹⁴⁸, senhor, Stou.

P. Peço que ouças bem.
 Assim eu, desdenhando os fins mundanos,
 Entregue tudo á sabedoria e á cura
 De aperfeiçoar meu spirito, com isso
 Que, salvo por isso ser retirado,
 Transcende o valôr do applauso -----
 ----- no meu falso irmão.

¹³⁹ [↑ e] sendo

¹⁴⁰ m/

¹⁴¹ <O teu tio> [↑ Teu falso tio]

¹⁴² Stás /<me>/

¹⁴³ /cortar/

¹⁴⁴ <nou> [↑ tornou] outras

¹⁴⁵ m/

¹⁴⁶ <re>formou-as

¹⁴⁷ <sua> [↑ era]

¹⁴⁸ <Es>/S\tou

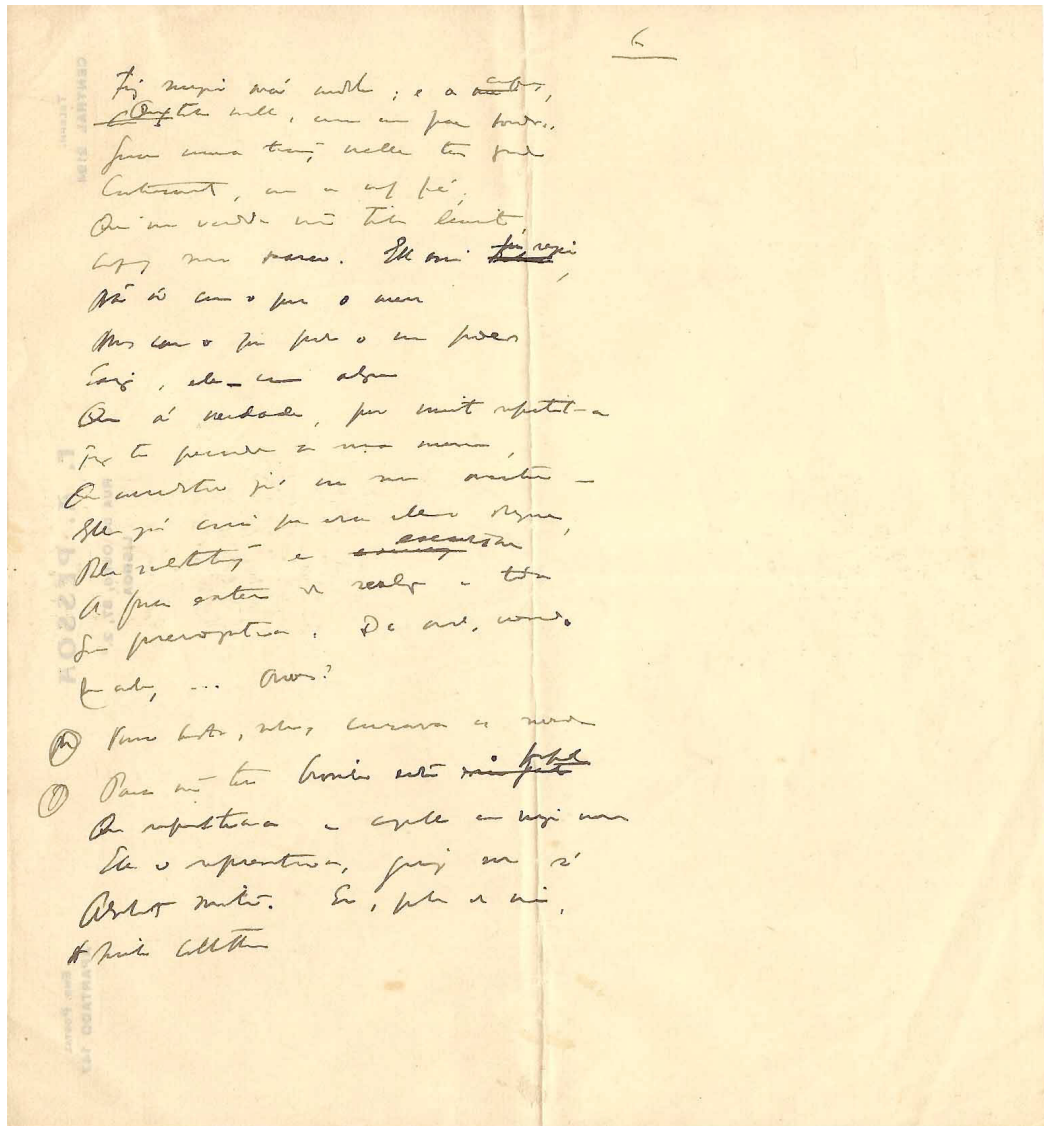


Fig. 49. Sem cota, avulsos 559. Shakespeare, *The Tempest*, 1908, p. 28. (CFP 8-507).
Cf. FILIPE (2018: 177).

6

Fiz surgir má indole; e a confiança¹⁴⁹,
 Que¹⁵⁰ tinha nelle, como um pae bondoso,
 Gerou uma traição nelle tam grande
 Contrariamente, com a m[inha]¹⁵¹ fé;
 Que em verdade não tinha limite,
 Confiança sem marco. Elle assim *regeu¹⁵²
 Não só com o que o meu □
 Mas com o que pode o meu poder
 *Exigir, elle – como alguém
 Que á verdade, por muito repetil-a
 Faz te peccador a sua memoria,
 Que acreditou já na sua mentira –
 Elle já cria que era elle o duque,
 Pela substituição, e executando¹⁵³
 A face externa da realeza e toda
 Sua prerrogativa: de onde, crescendo
 Na ambição, ... Ouves?

M. Vossa historia, senhor, curara um surdo.

P. Para não ter biombo entre o papel¹⁵⁴
 Que representava e aquelle em cujo nome
 Elle o representava, quiz ser só
 Absoluto Milão. Eu, pobre de mim,
 Minha¹⁵⁵ bibliotheca □

¹⁴⁹ <m> [↑ confiança]

¹⁵⁰ <Com> [↑ Que]

¹⁵¹ m/

¹⁵² <senhor> [↑ <foi> *regeu]

¹⁵³ <execução> [↑ executando]

¹⁵⁴ <essa parte> [↑ o papel]

¹⁵⁵ [← A] Minha

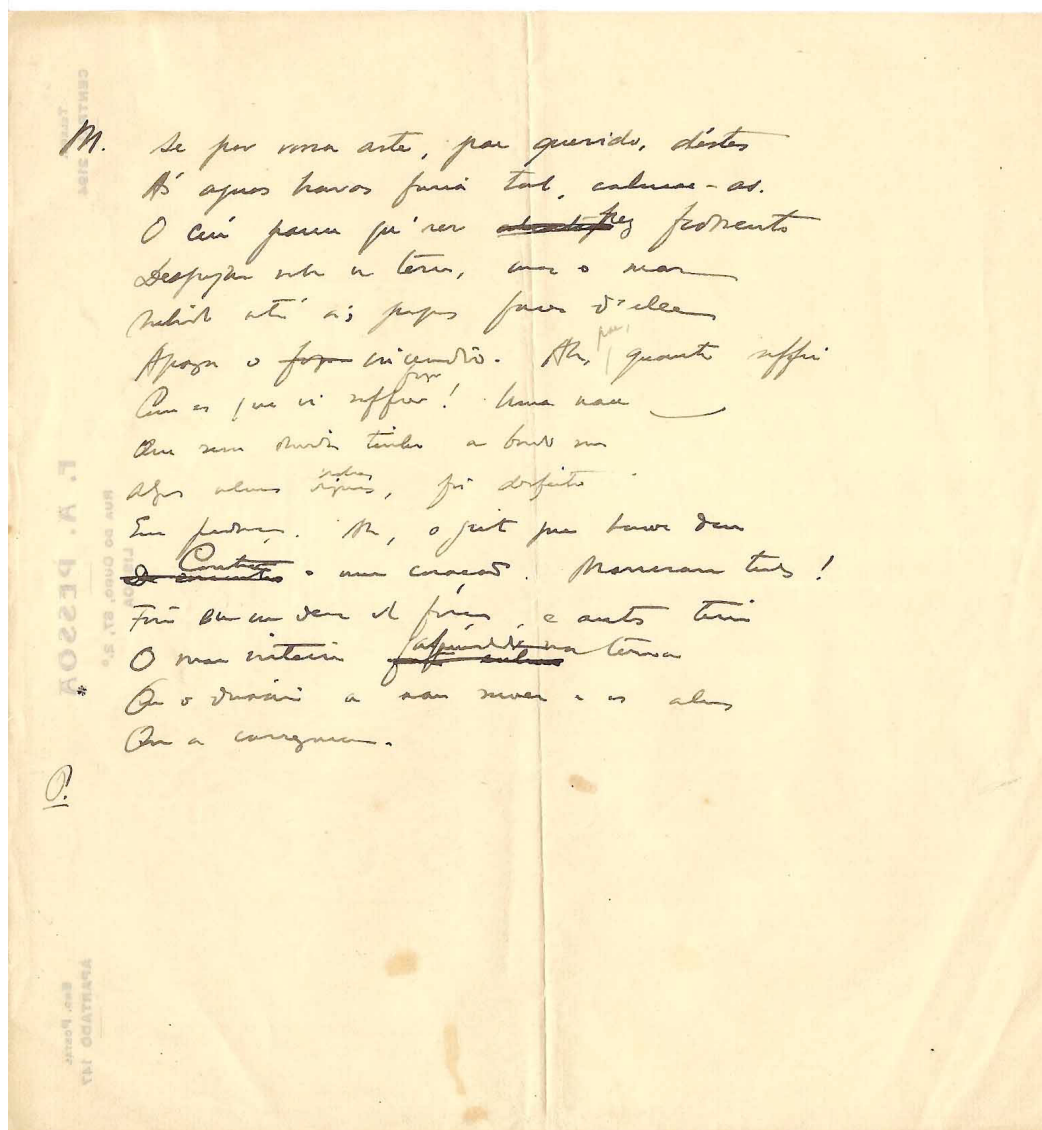


Fig. 50. Sem cota, avulsos 561. Shakespeare, *The Tempest*, 1908, p. 23. (CFP 8-507).
Cf. FILIPE (2018: 172).

M. Se por vossa arte, pae querido, déstes
 Ás aguas bravas furia tal, calmae-as.
 O céu parece qu'rer pez¹⁵⁶ fedorento
 Despejar sobre a terra, mas o mar
 Subindo até ás proprias faces d'elle,
 Apaga o fogo¹⁵⁷. Ah, pae,¹⁵⁸ quanto soffri
 Com os que vi soffrer! Uma nau ---
 Que sem duvida tinha a bordo seu
 Algumas almas nobres¹⁵⁹, foi desfeita
 Em pedaços. Ah, o grito que *homem deu
 Contra¹⁶⁰ o meu coração. Morreram todos!
 Fôra eu um Deus de força, e antes teria
 O mar inteiro afundado na terra¹⁶¹
 Que o deixaria a nau sorver e as almas
 Que a carregaram.

P.

¹⁵⁶ <deitar> pez

¹⁵⁷ <fogo> incendio [↓ fogo].

¹⁵⁸ Ah, [↑ pae,]. (Nota: O acresceto foi efectuado a lápis de carvão, diferente do restante documento.)

¹⁵⁹ dignas [↑ nobres]

¹⁶⁰ <De encontro> [↑ Contra]

¹⁶¹ <feito *subir> [↑ afundado na terra]

Descrição dos documentos

[BNP/E3, 74-83|83a, 74-84|84a e 74-85] (*a quo* 1911)

Autógrafo com traduções de *A Tempestade*.

Suporte: Papel quadriculado amarelado, dimensões 208 × 268 mm, páginas numeradas de 1 a 9, com evidência de ter estado dobrado a meio, na horizontal.

Instrumento de escrita: Caneta preta.

Datação e outras observações: Pela semelhança do suporte com outros documentos do espólio de Fernando Pessoa referentes a projectos díspares, inclusivamente no tempo, nomeadamente, anotações referentes a *Fausto* (PESSOA, 2018: 402), e trechos da tradução de Espronceda (BARBOSA, 2016: 405-410), situa-se a sua escrita *a quo* 1911. Há ainda evidência de uso deste suporte desde Alexander Search quando os seus poemas foram passados a limpo, num período ainda não muito bem definido entre 1907 e 1910. Neste caso, teríamos limites mais vagos para esta datação, entre 1907 e 1911. Até ao momento, este é o único testemunho onde a tradução do título da peça é *Tempestade*. Nos restantes documentos utilizados, Pessoa refere-se sempre a *Tormenta*. (cf. FILIPE, 2018: 127-128).

[BNP/E3, 74-83^a]

Página numerada no canto superior direito, “1”. Em cima, ao centro, o título *A Tempestade*. A página foi transcrita e publicada em (FILIPE, 2018: 127).

As anotações correspondem à tradução dos nomes das personagens de *The Tempest*. A partir de elementos textuais, argumentamos que este conjunto de manuscritos terá sido realizado a partir da edição de 1908. Por exemplo, a última entrada do elenco (cuja tradução Pessoa deixou incompleta) “Outros espiritos □ de Prospero” aparece na edição de 1908 (CFP 8-507: 19), mas não na edição de 1921 (CFP 8-508: [2]).

[BNP/E3, 74-83a^a]

Página numerada ao centro, “2”, sublinhado. Tradução do “Acto Primeiro”, “Scena I”. Comparando-se as edições de 1908 e de 1921 com 74-83a^a, parece claro que Pessoa usou a edição de 1908 como base para a tradução em 74-83. Compare-se, por exemplo, para além da designação “Acto Primeiro, Scena I” – que na edição de 1921 figura “[I.I.]” –, as didascálias “Enter a Ship-Master...” e “Entram...” – a ed. de 1921 apenas indica as personagens, sem “Enter”.

Acto Primeiro

Scena I – N’um navio, no mar. Ouve-se um

ruido tempestuoso de trovões e relampagos.

Entram um Patrao-de-Barco – □

Edição de 1908 (CFP 8-507: 20):

ACT FIRST

SCENE I. – On a Ship at Sea. A tempestuous
noise of Thunder and Lightning heard.

Enter a Ship-master and a Boatswain.

Edição de 1921 (CFP 8-508: [2]):

THE TEMPEST

[I.I.] ‘A tempestuous noise of thunder and lightning heard.’

The waist of a ship is seen, seas breaking over it.

A SHIP-MASTER: A BOATSWAIN.

Edição de 1905 (CFP 8-506: [1]):

Act I.

Scene I. – On a Ship at Sea. A tempestuous
noise of thunder and lightning heard.

Enter a Shipmaster and a Boatswain severally.

[BNP/E3, 74-83^v]

Página numerada ao centro, “3”, sublinhado. Continuação da tradução do acto I, cena I. Corresponde a (CFP 8-507: 20-21).

Edição de 1921 (CFP 8-508: 4):

não pomos mais mão em cabo.

Edição de 1908 (CFP 8-507: 21):

<nao tocaremos mais em corda;> /nao tocaremos mais em corda;\ [↑ nao poremos mais mão em corda;]

[BNP/E3, 74-83^a]

Página numerada ao centro, “4”, sublinhado. Continuação da tradução do acto I, cena I. Corresponde a (CFP 8-507: 21-22).

[BNP/E3, 74-84^a]

Página numerada ao centro, “5”, sublinhado. No final da tradução da cena I, um traço separador, após o qual a indicação de nova cena, “II”. Corresponde a (CFP 8-507: 23-24). No final da cena I, a edição de 1921 possui uma didascália que não se encontra na edição de 1908. Fernando Pessoa colocou-a entre parêntesis rectos. Não há tradução da didascália neste autógrafo.

Gonzalo. Now would I give a thousand furlongs of sea—
for an acre of barren ground...long heath, brown firs,
any thing...The wills above be done, but I would fain
die a dry death!

*A crowd bursts upon deck, making for the ship's side, in the
glare of the fireballs. Of a sudden these are quenched. A loud
cry of many voices.*

Fig. 51. Didascália no final do acto I, assinalada com parênteses rectos (SHAKESPEARE, 1921: 5).

but I would fain die a dry death. [Exit.
in a puff of smoke.

SCENE II.—The Island: before the Cell of
PROSPERO

Fig. 52. Final do acto I na edição de 1908, sem didascália. (SHAKESPEARE, 1908: 23).

Existe um outro testemunho do acto I, cena II, em documento sem cota do conjunto de “Avulsos”, apresentado adiante.

[BNP/E3, 74-84^r]

Página numerada ao centro, “6”, sublinhado. Continuação da tradução de acto I, cena II – diálogo entre Miranda e Próspero, seu pai. Corresponde a (CFP 8-507, p. 24-25), e (CFP 8-508, p. 6). Note-se que nas duas edições, a de 1908 e a de 1921 a palavra “power” foi assinalada:

Mira. But that I do not.
Pro. ^{He 12 years, Al, he 12 years} Twelve year since, Miranda, twelve year
^{since,}
Thy father was the Duke of Milan, and
A prince of power. *Sir, are not you my father?*

Fig. 53. Destaque na palavra “power”, traduzido por “força”. (SHAKESPEARE, 1908: 26).

Prospero. Twelve year since—Miranda—twelve years since,
Thy father was the Duke of Milan and
A prince of power...
Miranda. Sir, are not you my father?

Fig. 54. Destaque na mesma palavra, sem tradução. (SHAKESPEARE, 1921: 8).

[BNP/E3, 74-84v]

Página numerada ao centro, “7”, sublinhado. Continuação da tradução de acto I, cena II – diálogo entre Miranda e Próspero, seu pai. (CFP 8-507: 25-26)

[BNP/E3, 74-84a^v]

Página numerada ao centro, “8”, sublinhado. Continuação da tradução de acto I, cena II – diálogo entre Miranda e Próspero, seu pai. (CFP 8-507: 26-27)

[BNP/E3, 74-85]

Página numerada ao centro, “9”, sublinhado. Continuação da tradução de acto I, cena II – discurso de Próspero, deixado incompleto (CFP 8-507: 28). Existe um outro testemunho deste discurso em documento sem cota do conjunto de “Avulsos”

[BNP/ E3, 74-78 a 82] (c. 1913-1914)

Autógrafo com traduções de *A Tempestade*.

Suporte: Papel picotado pautado (138 × 194): folhas picotadas na horizontal, com pautas pouco visíveis, destacadas de um bloco.

Instrumento de escrita: caneta preta.

Datação e outras observações: Pela semelhança do suporte com outros documentos do E3, situa-se a sua escrita em 1913-1914 (PESSOA, 2018: 402 e 405). No cimo das folhas, indicação de um número de página que corresponde àquelas da edição de 1908 o que permite estabelecer que este se trata de um trabalho realizado a partir dessa edição.

[BNP/E3, 74-79^v]

Ao cimo, à esquerda, o número “40” regista a página correspondente na edição de 1908 (CFP 8-507: 40-41). Tradução do acto I, cena II. Diálogo entre Próspero e Caliban.

[BNP/E3, 74-79^r]

Ao cimo, à esquerda, o número “41” regista a página correspondente na edição de 1908 (CFP 8-507: 41). Continuação da tradução do acto I, cena II – diálogo entre Próspero e Caliban. Não foi traduzido até ao final da cena. O próximo manuscrito regista já a “Canção de Ariel”, p. 42.

[BNP/E3, 74-80^r]

Ao cimo, à esquerda, o número “43” regista a página correspondente na edição de 1908 (CFP 8-507: 42-43). Tradução de acto I, cena II, “Canção de Ariel”. Acima do traço separador, na primeira metade da folha encontra-se a tradução da segunda Canção (CFP 8-507: 43). Abaixo do traço separador, encontra-se o rascunho da

tradução da primeira Canção (CFP 8-507: 42). Entre as duas canções existe uma fala de Fernando que não foi traduzida. Daqui até ao final da Cena também não existe tradução. Trata-se, portanto, de um trabalho específico para a Canção. Na edição de 1908 (p. 42), há uma primeira tentativa de tradução, a lápis de carvão, reforçada a tinta preta, com algumas poucas adições. Há alguma semelhança na grafia quando o instrumento de escrita utilizado é a caneta preta. Neste exemplo, a tradução no documento não contém, por exemplo, na 1.^a linha “amarelas”, e na 2.^a “nellas”; mas avança mais do que no exemplar de trabalho. Na 2.^a canção, a versão no exemplar de trabalho parece ser a mais terminada. No canto superior direito de 74-80^r, encontra-se um exercício, rasurado, de significado ainda incerto. Provavelmente, um mero exercício caligráfico?

<+>	<+>
<+>	<Candidate>
	<+>

[BNP/E3, 74-81]

Ao cimo, à esquerda, o número “56” regista a página correspondente na edição de 1908 (CFP 8-507: 56). Tradução parcial do acto II, cena I – parte do diálogo entre Sebastião, Alonso, Gonçalo e Antonio.

[BNP/E3, 74-82]

Ao cimo, à esquerda, o número “59” regista a página correspondente na edição de 1908 (CFP 8-507: 59-60). Tradução parcial do diálogo entre Antonio e Sebastião acerca de como o primeiro fala enquanto dorme (acto II, cena II).

[BNP/E3, 74-78^r]

Ao cimo, ao centro, indicação do passo traduzido “Acto IV”. A fala de Próspero, traduzida parcialmente, e rasurada, corresponde ao início da cena I. Edição de 1908, (CFP 8-507: 94). Abaixo do traço separador, avança-se para a página 101, tal como indica o número registado ao centro. Corresponde a (CFP 8-507: 101). Diálogo entre Próspero, Fernando e Miranda. Emendas no mesmo sentido:

Autógrafo:

Contra <a m/ vida> [↑ mim]; o minuto da sua trama

Edição de 1908 (CFP 8-507: 101):

Contra <a minha vida> mim; o minuto do seu plano

[BNP/E3, 74-78^v]

Continuação da tradução do acto IV, cena I – fala de Próspero (CFP 8-507: 101-102).

Autógrafo:

Somos feitos
Do tecido dos sonhos; <e esta vida> [↑ nossa vida]
É cercada de um somno.

Edição de 1908 (CFP 8-507: 102):

Somos feitos
Do que o são os sonhos e esta vida
Um somno a cerca.
[← Do que o são os | sonhos] Do tecido dos sonhos

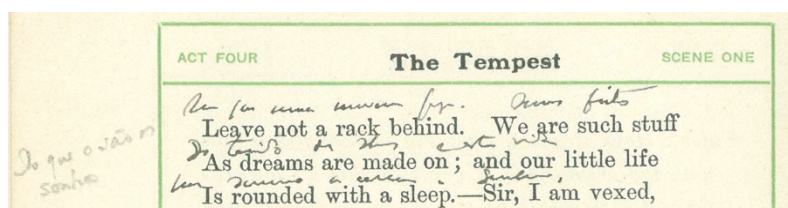


Fig. 55. Pormenor. (SHAKESPEARE, 1908: 102).

Sem cota, avulsos 550-562 (post-1917)

Autógrafo com traduções de *A Tempestade*.

Suporte: Papel timbrado “F. A. Pessoa, Rua do Ouro, 87, 2º Lisboa. End. Postal Apartado 147. Teleph. Central 2194.” Com evidência de ter estado dobrado ao meio, na vertical.

Instrumento de escrita: Caneta preta e lápis de carvão.

Datação e outras observações: A “Firma F. A. Pessoa | Rua do Ouro, 87, 2º, funcionou nesta morada de Dezembro de 1917 a Maio de 1918, quando foi extinta.” (PIZARRO, 2007: 173). 1.ª folha sem numeração, 2.ª folha em falta¹⁶², as seguintes estão numeradas de 3 a 6. A última folha não se encontra numerada e o texto aí existente corresponde à primeira fala de Miranda no acto I, cena II. Pessoa utilizou a face não timbrada das folhas para escrever. Deste modo, o rosto, que não possui anotações, não é reproduzido.

Sem cota, avulso 550

Em cima, indicação do passo traduzido: “*Tempest, I.2*” Diálogo entre Miranda e Próspero. No conjunto de autógrafos agora apresentados, existem outros dois testemunhos da fala de Miranda, na abertura da cena 2: BNP/E3, 74-84a^r e Avulso 561. A estes junta-se o existente na edição de 1908 (cf. FILIPE, 2018: 172-3).

¹⁶² Neste conjunto, está em falta uma página que estaria numerada com “2”. A sua localização continua desconhecida.

Comparando-se as edições de 1908 e de 1921 com Avulso 550, é provável que Pessoa tenha usado a edição de 1908 como base para a tradução. Note-se, por exemplo, a descrição de cena no manuscrito:

*A Ilha: Ante a cella de Prospero.
Entram Prospero e Miranda.*

Edição de 1908 (CFP 8-507: 23):

*The Island: before the Cell of PROSPERO.
Enter PROSPERO and MIRANDA.*

Edição de 1921 (CFP 8-508: 6):

The Island. A green plat of undercliff, approached by a path descending through a grove of lime-trees alongside the upper cliff, in the face of which is the entrance of a tall cave, curtained. MIRANDA, gazing out to sea: PROSPERO, in wizard's mantle and carrying a staff, comes from the cave.

Sem cota, avulso 551

Rosto de 550, com timbre da firma "F. A. Pessoa". Não reproduzido.

Sem cota, avulso 552

Duplicação de 550. Não reproduzido.

Sem cota, avulso 553

Numerado no canto superior direito "3". Após uma interrupção, provavelmente correspondente à folha "2" que se encontra desaparecida, continuação da tradução do acto I, cena 2 – diálogo entre Miranda e Próspero. A interrupção vai da p. 24, fala de Próspero "I have done nothing but in care of thee", à p. 25, Próspero "For thou must now know farther" (SHAKESPEARE, 1908: 24-25). A esta segue-se uma fala de Miranda, já presente no Avulso 555.

Sem cota, avulso 554

Rosto de 553, com timbre da firma "F. A. Pessoa". Não reproduzido.

Sem cota, avulso 555

Numerado ao centro, "4". Continuação da tradução do acto I, cena 2 – diálogo entre Miranda e Próspero.

Sem cota, avulso 556

Rosto de 555, com timbre da firma "F. A. Pessoa". Não reproduzido.

Sem cota, avulso 557

Numerado ao centro, “5”. Continuação da tradução do acto I, cena 2 – diálogo entre Miranda e Próspero. Existe outro testemunho em BNP/E3, 74-85.

Sem cota, avulso 558

Rosto de 557, com timbre da firma “F. A. Pessoa”. Não reproduzido.

Sem cota, avulso 559

Numerado ao centro, “6”. Continuação da tradução do Acto I, cena 2 – diálogo entre Miranda e Próspero. Existe outro testemunho em BNP/E3, 74-85.

Sem cota, avulso 560

Rosto de 559, com timbre da firma “F. A. Pessoa”. Não reproduzido.

Sem cota, avulso 561

Folha não numerada. Tradução da fala de Miranda, acto I, cena 2. No conjunto de autógrafos agora apresentados, existem outros dois testemunhos desta fala: [BNP/E3, 74-84a^r] e Avulso 550. A estes junta-se o existente na edição de 1908, já transcrito (FILIPE, 2018: 172-3). É indicado o “P” para o início da fala de Próspero, mas a tradução foi interrompida.

Bibliografia

- BAPTISTA, Rosa Maria Pereira (1990). *Pessoa Tradutor*. Dissertação de Mestrado apresentada à FCSH-UNL. Texto policopiado.
- BARRETO, José, (2012). “Mussolini é um louco: uma entrevista desconhecida de Fernando Pessoa com um antifascista italiano”, *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 1, Primavera, pp. 225-252. DOI: <https://doi.org/10.7301/Z0ZW1J4H>
- FERREIRA, António Mega (1986). *Fernando Pessoa – O Comércio e a Publicidade*. Lisboa: Cinevoz / Lusomedia.
- FILIPE, Teresa (2018). “Pessoa, tradutor sucessivo de Shakespeare”, *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 14, Outono, pp. 120-283. DOI: <https://doi.org/10.26300/xvx9-pt32>
- JENNINGS, Hubert (2018). *Fernando Pessoa – The Poet with Many Faces*. Edição de Carlos Pittella. Providence: Gávea-Brown Publications.
- PESSOA, Fernando (2018). *Fausto*. Edição crítica de Carlos Pittella; colaboração de Filipa de Freitas. Lisboa: Tinta-da-China. Colecção “Pessoa”.
- ____ (2017). *Teatro Estático*. Edição crítica de Filipa de Freitas e Patricio Ferrari; colaboração de Claudia J. Fischer. Lisboa: Tinta-da-China. Colecção “Pessoa”.
- ____ (2009a). *Cadernos I*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2009b). *Sensacionismo e outros ismos*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2006). *Escritos sobre Génio e Loucura*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- _____ (1998). *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença*. Edição e estudo de Enrico Martines. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____ (1997). *Poemas Ingleses II*. Edição crítica de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____ (1993a). *Poemas Ingleses I*. Edição crítica de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____ (1993b). *Pessoa Inédito*. Edição de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Livros Horizonte.
- PIZARRO, Jerónimo (2007). *Fernando Pessoa: entre génio e loucura*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- SARAIVA, Arnaldo (1996). *Fernando Pessoa: Poeta-Tradutor de Poetas*. Porto: Lello Editores.
- SHAKESPEARE, William (2011). *A Tormenta*. Tradução e notas de Fátima Vieira. Introdução de Mariana Gray de Castro. Lisboa: Guimarães Editores. Colecção "Pessoa Editor".
- _____ [1926] *A Tempestade*. Tradução revista por João Grave. Porto: Lello & Irmão Editores.
- _____ (1921) *The Tempest*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____ (1908) *The Tempest*. London, Paris, New York, Toronto & Melbourne: Cassell & Co Ltd.
- _____ [s.d.] *The Complete Works of William Shakespeare*. Oxford: Clarendon Press.
- TEIXEIRA, Pedro (2012). *Os Livros de Fernando Pessoa*. Tese de Doutoramento em Estudos Portugueses / Estudos de Literatura. Faculdade Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. <https://run.unl.pt/bitstream/10362/7420/1/Tese.pdf>
- VIZCAÍNO, Fernanda Maria Cardoso Pereira (2017) *Correspondência de Fernando Pessoa Revisitada*. Tese de Doutoramento em Modernidades Comparadas: Literaturas, Artes e Culturas, Universidade do Minho. Texto policopiado.